

Em São Paulo categorias unidas na campanha salarial

1 MILHÃO CONTRA O PATRÃO

UNE diz não a Figueiredo



O 32º Congresso da UNE, reunido em Piracicaba, deu uma resposta categórica às manobras políticas do regime militar. Disse não à conciliação com o general Figueiredo. E decidiu que a Universidade participará com força total da campanha pela Constituinte livre e soberana. Unidade e firmeza deram tom também na orientação pela democratização do ensino. Discordâncias secundárias sobre questão de encaminhamento.

Pág. 3

CONSTITUINTE IRÁ ÀS RUAS

PMDB decidiu dar força total ao Dia Nacional da Constituinte. Pag. 3

Editorial

Confrontos à vista

A desastrosa política econômica do governo cada dia traz novos sacrifícios para o trabalhador brasileiro. Já se fala que neste mês a inflação vai atingir 8%. Os gêneros alimentícios sobem todo dia. Feijão, carne, leite, tornam-se artigos de luxo, que o trabalhador produz mas não pode comprar.

Para encobrir sua responsabilidade nesta situação de calamidade, os generais procuram cada dia um bode expiatório. Agora é a guerra entre o Irã e o Iraque. Demagogicamente, Figueiredo diz que é preciso economizar gasolina, e por isto o preço foi para 45 e vai para 52.

Mas o general não fala que por causa desta política vão subir os preços dos ônibus, vai subir o custo do transporte para o feirante e em consequência o preço dos alimentos. Ele não diz também que os magnatas vão continuar gastando rios de gasolina para seus passeios turísticos, mas quem precisa do automóvel como meio de trabalho vai ter mais um rombo no orçamento.

O general não fala também nas fabulosas mordomias dos graduados do governo e de seus ministérios. Não fala por exemplo do absurdo que custou a caravana de dezenas de militares, políticos e seus apadrinhados que foram visitar o fascista Pinochet, no Chile, junto com o próprio Figueiredo.

O proletariado já não suporta mais esta exploração. Os canavieiros de Pernambuco deram um

vigoroso exemplo. Cresce a consciência de que a única solução está na luta decidida por seus direitos. Amplas assembleias, greves e manifestações energéticas vão se colocando na ordem do dia. Os metalúrgicos de S. Paulo e outras categorias esquentam as suas campanhas salariais.

Amadurece a idéia de que já não basta a luta de uma categoria isolada e cresce o sentimento de luta comum para derrotar a política econômica do governo. Fala-se mesmo em greve geral.

Algumas campanhas não alcançam os resultados desejados. Outras ainda não atingiram a mobilização necessária. Mas na luta a classe operária se desenvolve e aprimora as suas formas de luta e organização. Nem sempre aparece claramente tudo o que acontece no interior de cada categoria e o seu processo de acumulação de forças. Mas o sentido geral do movimento é para a luta. Os trabalhadores na prática vão afastando os derrotistas que diante do primeiro obstáculo pregam o recuo e a conciliação.

A situação do país aponta para um período de grandes confrontos. Os trabalhadores aprimoram suas formas de luta e procuram fortalecer os seus sindicatos e outras organizações. Colocam nas suas diretorias os companheiros mais combativos. O proletariado se educa no curso da luta de classes e vai ocupando o seu lugar de força de vanguarda do movimento popular e democrático.

O Brasil em peso defende a Amazônia

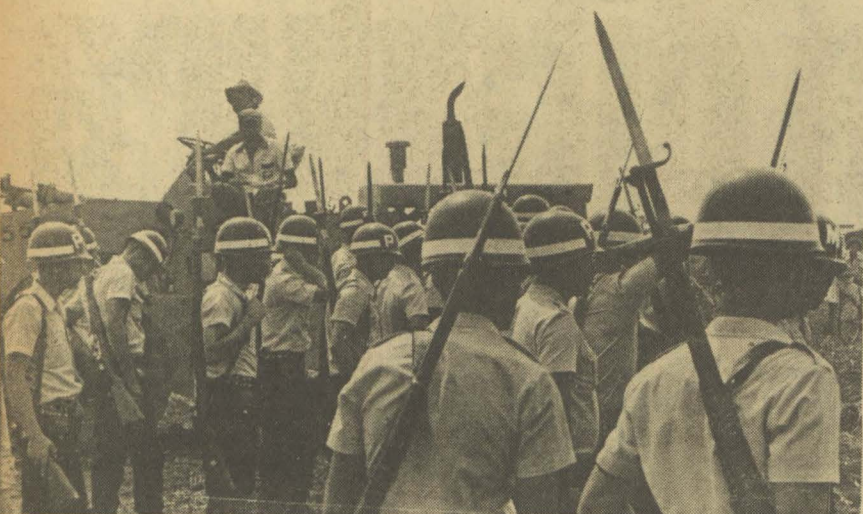
O Congresso Nacional do MDA está na pág. 8

Veja só quanto a carestia roubou de você em 5 meses

Esta tabela foi elaborada pelos companheiros gráficos de S. Paulo

ALIMENTOS	PREÇO EM CRUZEIROS		AUMENTO
	MAIO	OUTUBRO	
FEIJÃO	51,00	100,00	100%
ARROZ	22,00	33,00	50%
ÓLEO	22,50	39,70	76%
LEITE	12,00	23,50	95%
AÇÚCAR	11,90	25,90	117%
OVOS	22,00	40,00	83%
PÃO	1,00	2,50	150%
LARANJA	12,00	25,00	108%
FUBÁ	12,00	21,00	75%
SALADA	10,00	20,00	100%
ÔNIBUS	6,00	9,00	50%
TOTAL	182,40	339,60	83%

CDM Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois



4 de outubro de 1979: a repressão tenta dobrar o povo



5 de outubro de 1980: o povo nas ruas comemora vitória

Povo festeja sua conquista

Goiânia, GO — No dia 4 de outubro de 1979, as máquinas pesadas da Prefeitura, com a cobertura de policiais com baionetas, atacaram milhares de operários e lavadeiras que invadiram uma área desocupada da periferia da cidade, na luta pelo direito à moradia. Em consequência da violência autorizada e comandada pelo prefeito Índio Arriaga, uma criança desapareceu.

Um ano depois, a 5 de outubro de 1980, houve a comemoração da vitória. Uma festa. Muita alegria e muitos

convidados. Pela lógica do prefeito da cidade e dos capitalistas que se diziam donos do terreno a terra era para continuar deserta, ocupada por lixo, à espera de valorização. Mas os trabalhadores com coragem resistiram à violência armada do governo que queria expulsá-los dali. Em vez de serem expulsos, expulsaram o lixo, a polícia e construíram um jardim, o Jardim Nova Esperança.

Por isso, dia 5 foi um dia de festa. Quase duas mil pessoas saíram pelas

ruas da vila. Num cruzamento de duas ruas inauguraram uma praça, a Praça 4 de Outubro, em homenagem à criança que desapareceu. Ela simboliza também resistência e combate. Líderes camponeses falaram com força da luta pela posse da terra, da necessidade de se liquidar o latifúndio.

Representantes dos partidos políticos de oposição (PMDB e PT) lembraram que a tarefa primeira dos operários, camponeses e democratas é destruir o regime dos generais. Um camponês da cidade de Itaboraí, conhecido por Bacu-

rau, ressaltou a necessidade da aliança dos trabalhadores da cidade e do campo para ser possível "dar um fim ao sistema injusto e de exploração a que são submetidas as classes trabalhadoras".

A consciência e a organização vai se espalhando também por outros bairros pobres da cidade. O Jardim Nova Esperança é apenas um deles. Uma corrente de luta vai circundando Goiânia, causando mal estar aos puxa-sacos do regime que vegetam nos "palácios". (Da sucursal)

Poucos estudantes no II Congresso da UEE/MG

Belo Horizonte, MG — Durante o II Congresso da UEE-MG, realizado nos dias 3 e 4 de outubro, marcou-se a data para a eleição da nova diretoria da entidade estudantil. A eleição será nos dias 12 e 13 de novembro. Durante a reunião ficou decidido acrescentar mais dois cargos na diretoria: secretário geral e diretor de assistência estudantil, passando para 17 membros.

Apesar de não ter havido tempo suficiente para discussão de toda a pauta, os estudantes mineiros se posicionaram pelo fim da ditadura militar, pela mais ampla liberdade política e por uma Assembleia Nacional Constituinte livre e soberana. No plano educacional, adotaram como eixo central a luta por mais verbas na educação e pela democratização da universidade.

Durante o II Congresso, a abertura, que estava prevista para ser às 14 horas do dia 3, teve que ser adiada para às 10 horas do dia 4, pois na hora prevista estavam inscritos apenas 20 delegados.

Isto é uma amostra da situação difícil pela qual vem passando o movimento estudantil mineiro.

Segundo Sidônio, coordenador da UEE-MG, a diretoria da entidade tem sua parte de culpa no Congresso, "afinal, nove diretores abandonaram a diretoria". Um outro coordenador, Carlos Alberto Paiva, afirmou que "a situação do Congresso é o reflexo de como estão as entidades do movimento estudantil de uma maneira geral: esvaziadas e pouco representativas, fruto de um desgaste provocado pela prática incorreta de algumas posições no seio do movimento".

Uma prática que não prioriza o caráter de massas da entidade, transforma-a num "aparelho", é a conclusão de Carlos Alberto. Uma das propostas da diretoria atual para enfrentar este problema é colocar pessoas realmente representativas, com base nas regiões. (Da Sucursal)



Nova diretoria eleita para o DCE da UFC

DCE a passo firme

Fortaleza-CE — A chapa "Passo Firme" foi a vencedora das eleições para o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal do Ceará, realizada nos dias 1 e 2 de outubro em Fortaleza.

As eleições para o DCE da UFC deste ano foram mais representativas que as do ano passado. Este ano 7.100 alunos votaram — 600 a mais do que em 1979 — sendo que a chapa vencedora contou com 2.958 votos. A chapa "Avançando", obteve 2.477 votos, "Alternativa", ligada ao jornal Campanheiro, 991 votos e "Liberdade e Luta" ficou com 196 votos.

O programa da chapa vencedora constou de três pontos básicos: a questão da universidade; a função e o programa das secretarias e o posicionamento diante da conjuntura nacional. A palavra de ordem da chapa "Passo Firme", durante a campanha foi:

"Consolidar o trabalho com experiência e firmeza".

Quando estavam reunidos elementos das chapas que concorriam ao DCE-UFC, na madrugada do dia 29 de setembro, foi lançada uma bomba no pátio do prédio do Diretório Central. No atentado foram danificados vários carros estacionados no local.

O presidente do DCE comunicou o fato à Delegacia de plantão, que se limitou apenas a dizer que o fato era da competência da Polícia Federal. Até o momento a Polícia ainda não apontou os responsáveis por este ato de terror. No dia 30, houve uma mobilização com mais de 500 estudantes no auditório da Faculdade de Direito, que contou com a participação de líderes sindicais, entidades e personalidades democráticas que prestaram sua solidariedade às vítimas deste ato de vandalismo. (Jô de Abreu, da sucursal)

Princípios

Aguarde para breve o lançamento de Princípios, uma revista teórica, política e de informação a serviço da propagação do socialismo científico no Brasil

Tribuna Operária

Conselho de direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel, Dilaí Aguiar. Redação: Rua Conselheiro Ramalho, 501, Bela Vista - São Paulo, capital - CEP 01329. Tel. 36-7531. Sucursais: Rio de Janeiro: R. Joaquim Silva, 11, s/307 - Lapa - CEP 20241; Minas Gerais: R. Contorno Rodoviário, 345/355 - Cidade Industrial - Contagem - CEP 30000; Bahia:

R. Padre Vieira, 5 - s/307 - Salvador - CEP 40000; Pernambuco: R. 7 de Setembro, 42, 7º andar, s/707 - Boa Vista - Recife - CEP 50000; Rio Grande do Sul: R. Gen. Câmara, 52 - s/29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000; Ceará: R. do Rosário, 313 - s/206 - Fortaleza - CEP 70000; Espírito Santo: R. Jerônimo Monteiro, 352 - s/5 - Centro - Vitória. A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressa na Cia. Editora Jorjús, Rua Gastão da Cunha, 49 - fone: 531-8900 - SP.

A luta pela terra

Cachoeiro do Macucu, RJ — Numa recente reunião de camponeses em Cachoeira de Macucu, ficou claro que a situação está cada vez mais difícil para o povo. Naquele município existem cinco fazendas com conflitos de terra permanentes.

Os fazendeiros expulsam os camponeses, mas eles sempre voltam. São enormes propriedades deixadas no abandono pelos latifundiários, que proíbem os camponeses de plantarem qualquer coisa, a fim de evitar que depois reivindiquem a posse da terra no INCRA. Apesar das proibições, os trabalhadores não deixam de plantar suas roças. Uma senhora, com as mãos cheias de calos, afirma que "o que eu plantei ninguém arranca".

Agora, quando os conflitos se aguçam e os camponeses pressionam o INCRA, os latifundiários estão tentando colocar nas suas fazendas trabalhadores assalariados, para impedir a desa-

propriação das áreas abandonadas. A fazenda São José é um destes exemplos de latifúndio. Com 4.500 hectares, tinha sido desapropriada para reforma agrária antes de 1964. Mas com o golpe militar, foi devolvida ao latifundiário.

Reunidos, os camponeses preparam-se para exigir seus direitos. E levantaram o exemplo dos 240 mil canavieiros de Pernambuco: "unidos eles se tornaram fortes e seus líderes também ganharam força".

No município não existe nenhum tipo de educação para adultos e os professores estão em greve porque não recebem pagamento há oito meses. Um camponês disse que apóia os professores. O clima na região é de luta. Uma senhora disse que estava junto com o marido nesta questão, e que se ele morresse, ela morria junto. (Do correspondente)



Moradores do Sítio S. Jorge querem seus documentos

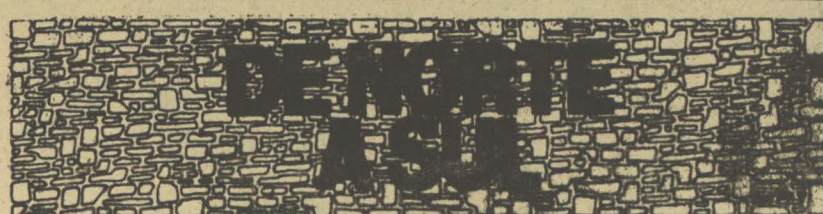
Lotes clandestinos

São Gonçalo, RJ — Mais de 50 famílias residentes na localidade conhecida por Sítio São Jorge, no bairro Itaúna em São Gonçalo, vivem um drama que dura mais de dez anos. Até hoje estas famílias, que compraram lotes de Paulo Souza Barros, não receberam nenhuma documentação para que pudessem regularizar a situação do registro de seus lotes.

Os problemas da localidade foram se acumulando. A planta original (30 lotes) sumiu dos arquivos da Prefeitura e sempre que os moradores pedem por seus mapas, recebem a mesma resposta: "não localizamos a planta desse loteamento". Entretanto, uma moradora garante que essa planta existe, pois ela já a viu pessoalmente.

O bairro está em péssimas condições. Não existe água encanada, nem esgoto, nem iluminação pública. Os assaltos se sucedem com frequência e o ponto de ônibus mais próximo está a mais de um quilômetro de distância. Os moradores daquele sítio já recorreram também à Justiça. Numa audiência, uma moradora foi agredida moralmente com palavras impróprias pelo defensor público.

Pagando 600 cruzeiros por uma pipa de água que passa de 15 em 15 dias e vendo parentes sendo presos por estarem ligados às reivindicações do povo do local, uma das moradoras mais combativas diz não acreditar que os políticos que estão na Prefeitura irão resolver esses problemas. (Da Sucursal de Niterói)



Lançamento

Aracaju, Se - Dia 26 de setembro último foi o lançamento oficial da Tribuna Operária, na Livraria Cordel. Artur de Paula, da sucursal da Bahia, apresentou o programa e o histórico da TO neste primeiro ano da existência do jornal. O encontro transformou-se num pequeno debate sobre a Constituinte Livre e Soberana. Do ato de lançamento, ficou acertado que a Livraria Cordel promoverá um curso de monografia sobre "Constituinte Livre e Soberana" e distribuirá vários prêmios.

Secundaristas I

Americana, SP - O movimento dos estudantes secundaristas de Americana ressurge novamente, depois de alguns anos desarticulado, visando a sua reorganização. Um grupo se articula através da fundação da União dos Estudantes Secundaristas de Americana - UESA. O grupo, formado por estudantes entre 15 e 18 anos, lançou um manifesto no qual coloca sua posição política frente à questão da educação, condenando o regime militar e conclamando os secundaristas a se organizarem e a se unirem em torno da entidade que vai nascer desse movimento. Os jovens pretendem lançar um jornal com notícias e comentários dos problemas que os secundaristas estão enfrentando em suas escolas como forma de mobilização e discussão dos secundaristas.

CCO-Bahia

Salvador, BA - No atual momento, os trabalhadores marcam com sua luta a vida política do Brasil. O movimento operário e sindical retoma a luta contra a opressão e a exploração. Diante da inflação galopante, dos baixos salários, das péssimas condições de habitação e saúde, assim como diante da falta de liberdade política e estrutura sindical atrelada é preciso que os trabalhadores aumentem o nível da sua luta, elevando seu nível de organização, de consciência e de mobilização.

Por tudo isso, o CCO (Centro de Cultura Operária) realizará um seminário sobre Socialismo com a presença de Valter Ribeiro, Haroldo Lima, Washington Souza e Valdomiro Santos. Será nos dias 16 e 17 de outubro, às 20 horas na Associação

dos Funcionários Públicos, na rua Carlos Gomes, 95.

Juventude

Cachoeira de Itapemirim, ES - "Juventude Democrática" é o novo jornal do Movimento Jovem-Estudantil do PMDB desta cidade do sul do Espírito Santo. O jornal tem uma tiragem de 30 mil exemplares e tem como palavra de ordem "por um governo democrático e popular". Em seu primeiro número o "Juventude Democrática" afirma que "a derrubada do regime militar conduzirá à formação de um novo governo, como decorrência natural. E pleiteamos assim, um governo democrático que garanta liberdade efetiva, que permita aos trabalhadores e às massas populares eleger seus legítimos representantes (...)"

Secundaristas II

São Paulo, SP - Com muita animação e disposição, cerca de 120 estudantes de 83 escolas secundárias realizaram uma convenção para formarem a sua chapa e concorrerem às eleições da primeira diretoria da UMES (União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas). A convenção ocorreu no dia 12 de outubro, no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. As discussões sobre o programa da chapa concluíram pela necessidade de fortalecer a UMES, "levando-a para a coração dos estudantes secundaristas". Para isso, foi considerado fundamental que a entidade leve à frente todas as lutas dos secundaristas e toda uma série de atividades culturais e esportivas que visem unir os jovens estudantes em torno de sua entidade.

Bolsa de Trabalho

Rio de Janeiro, RJ - Diante do fechamento do mercado e o achatamento dos salários, os jornalistas do Rio vêm realizando em seu Sindicato um debate sistemático deste e de outros problemas da categoria. E decidiram criar três comissões de trabalho para enfrentá-las. A primeira medida tomada foi a criação de uma Bolsa de Trabalho, que funcionará como alternativa para os profissionais desempregados. Os profissionais interessados devem comparecer à sede do sindicato ou telefonar para 240-2022.

Mulheres do campo e da cidade discutem seus problemas

Assembléia de mulheres

Conceição do Araguaia, PA — Com a presença de 58 participantes, foi realizada nos dias 14, 15 e 16 de setembro, a I Assembleia de Mulheres de Conceição do Araguaia e Santana do Araguaia. Estiveram presentes as viúvas do líder camponês Raimundo Ferreira Lima, o "Gringo" (assassinado em maio último por pistoleiros) e Santo Dias da Silva (assassinado pela polícia durante a greve dos metalúrgicos de São Paulo, o ano passado).

No encontro foram discutidos assuntos de interesse das mulheres da região, tais como: o valor e o papel da mulher na sociedade; a participação das mulheres juntamente com os homens na luta pela transformação da sociedade e troca de experiência a nível regional e nacional. Oneide Costa Lima, viúva do "Gringo", achou muito importante o encontro porque a "gente não viu só a luta do pessoal da roça, mas também a luta das operárias".

Protesto estudantil

Itapetinga, BA — Devido a expulsão do estudante José Antonio dos Santos do Centro Educacional Alfredo Dutra, os secundaristas organizaram um movimento de apoio e solidariedade ao colega expulso, com apoio da população e entidades democráticas. Antes, disso, os estudantes já haviam feito uma greve de dois dias em protesto pela suspensão do aluno José Antonio, que posteriormente seria expulso.

Quando foi expulso do Centro Educacional, José Antonio não se intimidou e compareceu ao colégio. No interior do colégio era intenso o clima de agitação e discussão, com os estudantes questionando o diretor e defendendo o colega.

O professor de educação física e o diretor tentaram retirar do interior do colégio o aluno expulso e mais o estudante Gerson Marques, tentando

agarrar violentamente pelo braço este último.

Não conseguindo o seu objetivo de retirar os dois alunos do recinto do colégio, o diretor chamou a polícia. Os policiais tentaram agarrar o estudante Gerson, mas foram impedidos devido ao protesto dos seus colegas e a agitação que se formou dentro e fora do colégio. O advogado dos estudantes foi chamado enquanto os estudantes gritavam: "Abaixo a repressão, abaixo o fascismo, volta dos colegas suspensos, respeito aos estudantes", etc.

No dia seguinte, foi realizada uma passeata que contou com a participação de 300 estudantes que gritavam: "O povo unido jamais será vencido"; "a unidade popular vai avançar" e "abaixo os terroristas no poder". Os estudantes mostraram a sua união e solidariedade ao combativo colega expulso. (Da sucursal)

É hora de ler

O imperialismo e a revolução

O livro de Enver Hodja é uma poderosa arma nas mãos dos trabalhadores, em defesa de seus interesses fundamentais

Pedido de compra

Nome:
Endereço:
Bairro: Estado:
Cidade: CEP: Fone:

Estou enviando o cheque nº no valor de Cr\$ 400,00, em nome da Editora Anita Garibaldi Ltda., rua Beneficência Portuguesa, nº 44, sala 206, SP - CEP 01033

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA

Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo.

ASSINATURA ANUAL DE APOIO

Nome:
Endereço:
Bairro: Cidade:
Estado: CEP: Fone:

Estou remetendo um cheque de Cr\$ 500,00 para a Editora Anita Garibaldi Ltda. - Banco Itaú - Agência Jaceguai - conta nº 03154 São Paulo - Capital.

Congresso UNE contra ditadura

O 32º Congresso da União Nacional dos Estudantes, reunido para definir o plano de ação da maior entidade estudantil de massas do mundo nos próximos 12 meses, desperta o interesse da classe operária, dos trabalhadores e do povo em geral, que sempre tiveram nos estudantes um aliado seguro.

É que o movimento estudantil brasileiro tem uma grande tradição de luta contra o arbítrio e a opressão. Centenas de estudantes foram mortos, presos ou torturados durante os anos negros da ditadura fascista por defenderem a causa da liberdade, expressando o espírito indomável da esmagadora maioria dos seus colegas.

IMPORTANTE ACONTECIMENTO

Este é o segundo congresso realizado após a reconstrução da entidade máxima dos estudantes brasileiros, ocorrida no ano passado. Os universitários voltam a ocupar o espaço que lhes cabe no cenário político, conquistado com suor e sangue. E mostram que, sea UNE não é reconhecida oficialmente pelo regime militar, é reconhecida por um milhão e meio de estudantes e por todos os setores progressistas da sociedade.

O Congresso reuniu cerca de 3 mil delegados e um total de mais de 5 mil estudantes. Representantes dos partidos políticos de oposição, da Igreja, de entidades estudantis e organizações progressistas internacionais e de diversos setores democráticos estiveram presentes na cerimônia de abertura do Congresso. E em sua maioria trazendo uma mensagem de combatividade e otimismo. O bispo de Piracicaba, por exemplo, afirmou: "Havia quem esperasse que nós viéssemos aqui dizer amém. Mas nós viemos dizer um basta a este estado de coisas, basta à opressão. Viemos estimular a rebelia responsável da juventude".

CONTRA A CONCILIAÇÃO

O clima dominante no Congresso era de combatividade. A maioria dos congressistas reagia às correntes que tentavam impor ao encontro um caráter de colaboração com o regime.

No segundo dia de Congresso, os delegados foram divididos em comissões para debater os problemas mais candentes do movimento estudantil. E na maioria delas prevaleceram as posições mais avançadas.

A comissão que discutiu a conjuntura política nacional concentrou-se particu-



Ulisses Guimarães, presidente do PMDB, também aponta o rumo da luta intransigente pela democracia

CAMPANHA PELA CONSTITUINTE

PMDB entra na luta

O PMDB, que acaba de realizar suas convenções municipais, está dando passos no sentido de uma oposição mais firme ao governo Figueiredo e ao regime militar. A direção nacional do partido está determinando a todos os peemedebistas que concentrem esforços em torno da campanha pela Constituinte livre e soberana.

UM PASSO ADIANTE

O presidente Ulisses Guimarães está recomendando a todos os parlamentares que ocupem as tribunas do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas e das Câmaras Municipais, com pronunciamentos em defesa desta bandeira. E que os Diretórios Regionais e Municipais promovam e coordenem comícios, concentrações, palestras e reuniões. Tudo isso deverá convergir para grandes concentrações populares no 15 de novembro, dia nacional de luta pela Constituinte livre e soberana e de repúdio à não realização de eleições.

Esta decisão da direção nacional do PMDB é considerada de fundamental importância. O partido se define agora como uma força oposta a qualquer

lamente na campanha pela convocação de uma Assembleia Constituinte. E mais de 80% dos presentes defenderam uma Constituinte livre e soberana, precedida pela derrubada da ditadura militar, combatendo assim a proposta de conciliação com Figueiredo.

DEMOCRATIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE

Grande parte dos estudantes se concentrou na comissão que discutiu as questões educacionais. Ficou evidente que o anseio geral dos universitários é democratizar a universidade, aumentar a participação estudantil na elaboração dos estatutos e regulamentos, na escolha do Conselho Universitário e do reitor. Ou seja, os estudantes exigem participar das decisões sobre os rumos da Universidade brasileira.

Também ficou evidente que a maioria dos estudantes é radicalmente contra o ensino pago, que impede que milhares de trabalhadores e filhos de trabalhadores tenham acesso aos cursos de nível superior, contribuindo para que o ensino seja privilégio de uma minoria.

No mesmo rumo, os estudantes se pronunciaram contra os aumentos abusivos das universidades e contra a comercialização do ensino.

Outro ponto que conquistou apoio unânime foi a reivindicação de mais verbas para a educação, que se concretizou na exigência de que 12% do orçamento federal sejam destinados a este fim.

DIVISÃO OU UNIDADE?

Algumas questões de importância secundária provocaram polêmica: a forma de escolha da diretoria (voto em urna ou em Congresso) e a filiação da UNE à União Internacional dos Estudantes, UIE.

Apesar das divergências quanto a estas e outras questões, não se pode afirmar que a principal característica do movimento estudantil hoje seja a divisão. É certo que ele congrega diversas correntes de pensamento, algumas delas antagônicas. Mas isso é de certa forma uma conquista, um resultado do processo político. As diversas correntes de pensamento existentes na sociedade representando classes e segmentos de classe começam a aparecer com forma própria.

Não se pode negar a luta de ideias. No entanto, a UNE é uma entidade de massas, representativa do conjunto dos estudantes. E que não pode, por isso, ser apêndice de uma ou outra tendência. Ela congrega em seu seio as mais varia-



O secretário geral da UNE, Aldo Rabelo

Sem dúvida o 32º Congresso da UNE centrou-se no debate dos rumos do movimento estudantil nos próximos 12 meses. O que estava em jogo era decidir se os estudantes querem ou não democratizar a universidade, se os estudantes queriam colaborar com o regime militar ou destruí-lo. E a tendência geral foi para as posições mais combativas e consequentes.

No entanto, uma questão de encaminhamento adquiriu, por diversas razões, peso maior do que merecia: a forma de eleição da diretoria.

Depois de muitos debates venceu a eleição nas urnas. Na verdade qualquer das formas de escolha da diretoria pode ser considerada democrática, porque a UNE é uma entidade democrática, representa um milhão e 500 mil estudantes de todas as posições e correntes de pensamento.

No entanto com o adiamento da escolha, adiou-se também o encaminhamento das lutas. E o movimento estudantil ficará sem cabeça até que se defina qual a chapa vencedora. Resta saber qual o preço a pagar por este adiamento, porque embora o Congresso tenha aprovado uma plataforma política, sua aplicação não foi garantida.

das correntes de pensamento existentes. O debate é salutar. Porém para dar frutos precisa ser travado em torno de plataformas políticas.

Os estudantes vêm procurando seu caminho. E o 32º Congresso é sem

dúvida outro importante passo adiante no sentido de organizar e unir as massas estudantis na luta pela democratização da universidade e no combate ao lado de todo o povo pela derrubada do regime militar e pela conquista de amplas liberdades políticas. (Olivia Rangel)



Mais de cinco mil estudantes compareceram à abertura do Congresso

CONSTITUINTE LIVRE E SOBERANA (IV)

Operários também querem Constituinte

Há quem diga que a bandeira da Constituinte não devia ser levantada agora, porque as massas populares, principalmente a classe operária, ainda não despertaram para ela. São pessoas que acham muito importante que as palavras de ordem surjam "de baixo para cima", de "dentro" e não de "fora" da classe operária. Dizem que apoiarão, a Constituinte se a classe operária descobrir e empunhar esta bandeira.

Essa gente incorre no erro antigo de imaginar que os trabalhadores chegarão à consciência científica dos seus problemas e das soluções que eles exigem através do desenvolvimento espontâneo das suas lutas. Não entende que unir essa consciência científica com o movimento espontâneo da classe operária é justamente a missão histórica dos verdadeiros partidos operários, os partidos comunistas, marxistas-leninistas.

Quando se diz que esses partidos são de vanguarda é justamente porque eles não ficam esperando que as propostas mais acertadas surjam "de baixo para cima". Um partido de vanguarda analisa a situação, com critérios marxistas-leninistas, propõe as saídas mais justas e cuida, em seguida, de ganhar o restante da classe operária e seus aliados para as suas posições.

Se hoje, no Brasil, boa parte dos trabalhadores ainda não compreendeu a importância da luta pela Constituinte, isso nem de longe é um argumento contra a Constituinte. É um argumento para se aumentar a atividade com vistas a elevar o nível de consciência política dos trabalhadores.

"BANDEIRA BURGUESA"

Outra opinião que tem aparecido é de que a bandeira da Constituinte é burguesa e por isso a classe operária não tem a ver com ela. Se esse ponto de vista fosse verdadeiro, o operariado não apoiaria a luta pela reforma agrária radical, nem participaria de eleições, nem muito menos da reorganização partidária, porque tudo isso, nos marcos capitalistas, tem caráter burguês.

Nem mesmo a luta pela liberdade política o proletariado travaria, já que toda liberdade política em geral, dentro das relações de produção atuais, é uma liberdade burguesa.

Mas os operários sentem por instinto que precisam mais do que ninguém da liberdade política. Precisam conquistar e usar intensamente a liberdade para aprofundar e ampliar a luta contra a classe que os explora, para elevar rapidamente seu nível de consciência, sua organização e sua mobilização.

RESPOSTA AO FASCISMO

No Brasil de hoje, há toda uma movimentação para fortalecer o governo de Figueiredo, sob o pretexto de evitar o recrudescimento do fascismo. A tese da "Constituinte com Figueiredo", apoiada pela tese do "pouco importa", vai sendo conduzida. Conciliadores, oportunistas e vacilantes abrem mão da luta contra o regime militar com o falso argumento de assim impedir o retorno ao fascismo.

Entretanto, os fascistas que reaparecem e o governo Figueiredo, embora tenham diferenças de avaliação sobre o que deve ser feito no Brasil de hoje, são frutos do mesmo regime e alimentam-se mutuamente. Os terroristas atuam e se desenvolvem apoiados na impunidade garantida pelo regime, que até agora não esclareceu nenhum dos 102 atentados cometidos. E o governo solicita apoio para si argumentando com o desenvolvimento dos grupos terroristas

A bandeira da Constituinte livre e soberana é a única exposta atualmente à consideração dos brasileiros que responde ao recrudescimento do fascismo, aponta para o fim do regime militar e reclama a mais ampla liberdade política. Caberá à oposição popular e democrática transformá-la numa bandeira de massas, para conjurar a ameaça fascista, acabar com o regime autoritário que permite a existência desta e abrir caminho para uma nova ordem econômica, financeira, política e social. (Haroldo Lima)

UM ANO DEPOIS

Santo Dias não foi esquecido

Os trabalhadores de S. Paulo irão dedicar o dia 1º de Novembro à memória do líder operário Santo Dias da Silva, assassinado pela Polícia Militar quando lutava pelos interesses de sua categoria na greve dos metalúrgicos de S. Paulo.

Quando Santo morreu, no dia 30 de outubro de 1979, mais de 30 mil trabalhadores e populares fizeram uma grande passeata enfrentando as manobras de guerra desencadeadas pela polícia. O clima era de tristeza mas também de ódio.

A repressão policial, que matou Santo, em plena rua, Manoel Fiel Filho, na tortura, e tantos outros trabalhadores, é um fruto da luta de classes. Isso os operários não esquecem. A luta deve continuar mesmo com todas as dificuldades que o governo e seus auxiliares criam. Essa era a opinião do Santo.

Uma das qualidades do líder assassinado era a sua preocupação com o trabalho nas fábricas. Seu temperamento alegre e a sua simplicidade atraíam para a luta operária um número grande de companheiros.

Outra grande qualidade do companheiro era o seu espírito de unidade. Mesmo nas maiores discussões com companheiros de posições diferentes ele era respeitoso e sabia ouvir.

No dia primeiro de novembro a classe operária prestará uma calorosa homenagem ao companheiro Santo Dias da Silva.

OS FASCISTAS NÃO QUÊREM QUE VOCÊ LEIA ESTES JORNAIS; NÃO SE DOBRE!

Leia, assin e venda Tribuna Operária, Companheiro, Convergência Socialista, Cojojornal, Correio Sindical, Em Tempo, Hora do Povo, Movimento, Pasquim, Repórter, Trabalho, Voz da Unidade.

UNIDADE SINDICAL - S. PAULO

Ampliar é a solução

Na última plenária da Unidade Sindical de São Paulo, realizada dia 11 de outubro, na sede do sindicato dos metalúrgicos, na rua do Carmo, foi escolhida a comissão executiva que dirigirá a Unidade Sindical, colocando em prática o estabelecido no regimento, encaminhando as deliberações das plenárias sindicais e efetivando as decisões tomadas.

Participaram 32 entidades profissionais, entre elas sindicatos dirigidos por lideranças bastante respeitadas por sua combatividade. Isto, em parte, retirou a impressão de que na Unidade Sindical só participam dirigentes pelegos reformistas.

Para o bem do movimento sindical como um todo e da Unidade a executiva aprovada é bastante ampla, contando com 11 sindicatos: Metalúrgicos de São Paulo, Santos e São Bernardo; Jornalistas; Bancários; Padeiros; Médicos, Senalba, Federação dos Trabalhadores na Indústria Urbana, Federação dos Trabalhadores Químicos e Federação dos Trabalhadores Rurais do Estado.

UNIR OS TRABALHADORES
Antes da eleição da executiva alguns sindicalistas já apelavam para a maturidade dos dirigentes, para que não estreitassem a Unidade Sindical. David de Moraes, presidente do Sindicato dos



Reunião da Unidade Sindical: David Moraes (de pé) insistiu na necessidade de democratizar.



Estes companheiros prometem um sindicalismo autêntico.

METALÚRGICOS DO RIO

Balanco da campanha

A sucursal do RJ do Tribuna entrevistou alguns operários do MUM, Movimento de União dos Metalúrgicos:

T.O. - Qual a avaliação que vocês fazem da Campanha Salarial?

Washington - A campanha salarial desse ano teve muitas dificuldades, principalmente devido a atual diretoria do sindicato. Essa diretoria foi omissa na greve do ano passado e a sua falta de disposição levou a categoria a não acreditar no sindicato.

A comissão de salário e diversos ativistas se esforçaram para mobilizar a categoria e conseguiram boa participação nas duas últimas assembleias. Mesmo assim não foi possível tirar a greve.

A categoria não aceitou as manobras da diretoria que foi vaiada aos gritos de "Fora Pimentel".

Zeca - No meu entender a campanha foi fraca. Isso porque a categoria demonstrou grande disposição de luta no ano passado mas com o desconto das horas paradas e com o desemprego em massa a categoria ficou indecisa.

George - No meu modo de ver acho que a categoria espera que os dirigentes que ela escolheu tomem a frente das lutas e isso não ocorreu.

T.O. - Qual a base principal da campanha eleitoral de vocês para arrancar o sindicato das mãos da atual diretoria?

George - A nossa base principal não foi construída hoje visando eleições, e sim durante os últimos anos, quando a categoria nos reconhece dentro das fábricas assumindo a luta do dia a dia ao lado dos companheiros, organizando reuniões por áreas, convocando os companheiros para assembleias, lutando contra o peleguismo e a corrupção dentro do sindicato.

Zeca - Nós contamos com o apoio da maioria dos companheiros que partici-

Jornalistas, chegou a ressaltar que "qualquer tentativa de hegemonia na direção da Unidade Sindical pode levá-la ao fim".

Ao final da reunião a executiva votada satisfaz principalmente os sindicalistas mais comprometidos com a luta e a unidade verdadeira dos trabalhadores. Segundo Edson, diretor do Sindicato dos bancários, "aos poucos, com bom senso, está se construindo um organismo que centraliza a luta dos trabalhadores. Na executiva todas as correntes, pelo menos as mais maduras, estão representadas. E isto pode ser um passo para que estas correntes, ao invés de ficarem jogando peso em várias propostas de reuniões intersindicais, formem um organismo único".

Já Raimundo, presidente do sindicato dos padeiros, bastante animado, foi taxativo: "Agora só não participa da Unidade Sindical quem não quer a unidade dos trabalhadores". Representando a diretoria cassada dos metalúrgicos de São Bernardo, Devanir elogiou a escolha da executiva. Quanto à outra articulação intersindical de que participa, o Encontro Nacional dos Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical (ENTOES), Devanir afirmou já existir uma proposta de fundir o ENTOES com a US.

ACABAR COM O CUPULISMO

A preocupação maior agora é acabar com o caráter cupulista que prevalece nestas iniciativas. A maioria dos trabalhadores nem sabe da existência delas, apesar de ansiar pela unidade dos trabalhadores, como mostram as opiniões favoráveis à greve geral. Para David de Moraes, agora é tarefa dos sindicalistas levar a discussão para as bases e ampliar o número de sindicatos participando da US. Para que isto seja realizado, David fala inclusive na possibilidade da US vir a interferir na democratização dos sindicatos, ampliando a participação das categorias na luta sindical.

Mas, como o próprio David lembra, ainda falta um bom caminho a percorrer para que a Unidade Sindical assuma esta tarefa. A US é, em grande parte, reflexo da realidade dos sindicatos brasileiros. Os pelegos e oportunistas ainda estão presentes na US, como estão presentes nos sindicatos. E assim como os trabalhadores conscientes compreendem que precisam atuar nos sindicatos, independentemente de quem esteja na diretoria, vão compreendendo também que é necessária sua participação na Unidade Sindical.

TÊXTEIS S. PAULO

60 mil unidos na campanha salarial

Os 60 mil têxteis de São Paulo já estão organizando suas forças nas fábricas e no sindicato para o grande confronto com os patrões na luta por melhores salários.

Na segunda assembleia da categoria, realizada no dia 5 de outubro, os mais de 500 trabalhadores presentes demonstraram muita disposição de luta. Nesta assembleia foram aprovadas as exigências que a categoria fará nesta campanha salarial.

O aumento de 20% do índice do governo, o tal do INPC, foi a questão mais discutida. Alguns oradores chegaram até a propor que se exigisse mais, já que a carestia de vida é tanta e os índices do governo são sempre falsos. Outra reivindicação aprovada e que favorecerá em muito cerca de 80% da categoria que ganha pouco mais de um salário mínimo é a de piso salarial de Cr\$ 13.280.

Devido ao grande número de desempregados e, nas fábricas, a exigência das horas extras, os têxteis também exigirão dos patrões a jornada de 40 horas sem redução de salário, item que no ano passado não constou da pauta de reivindicações. Além desta exigência os têxteis, que há muito tempo não se utilizam da greve como instrumento de pressão, lutarão por: estabilidade de 12 meses no

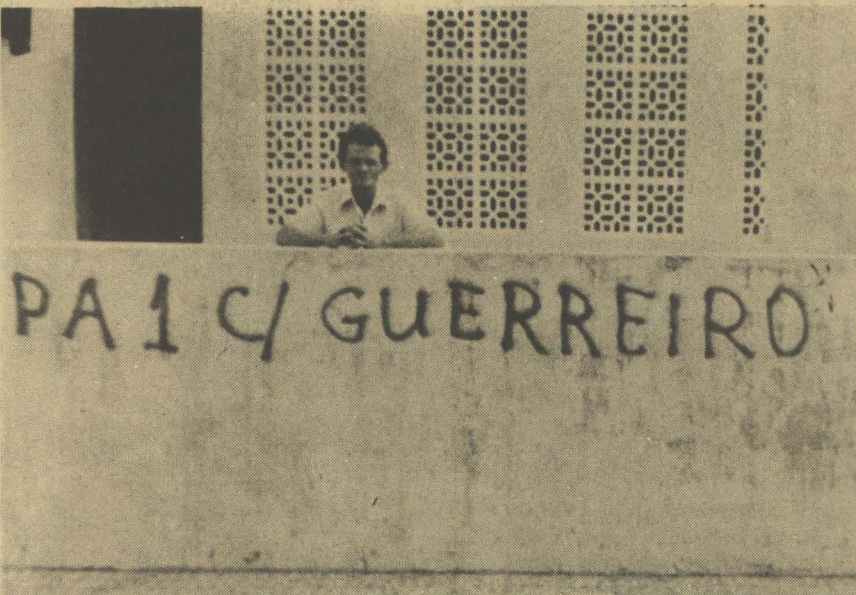
PROFESSORES DO ENSINO PÚBLICO

Greve pelo reajuste

Os professores paranaenses da rede estadual de ensino público estão em greve desde o dia oito de outubro. São aproximadamente 40 mil profissionais que só voltarão a trabalhar quando atendidas suas reivindicações de reajustes salariais semestrais, piso salarial de três salários mínimos e cumprimento pleno do Estatuto do Magistério.

O movimento reivindicatório dos professores vinha se reorganizando há mais de meio ano. Neste período não obtiveram qualquer resposta satisfatória do governo, que alegava falta de verbas. Para desmistificar este argumento os professores chegaram até a elaborar um documento onde demonstram que há verbas de sobra no orçamento do Estado para mordomias e para manter

METALÚRGICOS - FORTALEZA



O candidato da chapa 1 de Oposição é bastante conhecido pela categoria

Chapa 1 joga tudo na luta pelos 50%

É grande a movimentação entre os metalúrgicos de Fortaleza. É a campanha salarial que começa a pegar fogo. No dia 14 de setembro foi realizada a assembleia geral que aprovou a proposta dos trabalhadores contendo vinte e quatro reivindicações, que vão da melhoria do salário e das condições de trabalho até o reconhecimento do delegado sindical por empresa, com a garantia de estabilidade.

A proposta foi entregue aos patrões que ficaram de apresentar contra-proposta no dia 14 de outubro, quando então terão início as negociações diretas com a comissão salarial escolhida pelos metalúrgicos. No dia 19 de outubro acontecerá a assembleia geral que apreciará a contra-proposta e decidirá sobre sua aprovação ou não.

A medida que se aproxima o dia desta assembleia cresce a movimentação nas fábricas, com os boletins informativos sendo distribuídos. Constante tem sido a presença nas portas das fábricas dos integrantes da comissão salarial e de Lira, presidente do sindicato dos metalúrgicos, e único membro da atual diretoria que participa ativamente da campanha salarial.

Até o dia 19 serão realizadas diariamente reuniões com todas as fábricas, prevendo-se reuniões de até três fábricas em um só dia. A maior novidade na mobilização tem sido a utilização de um serviço de som nas portas das empresas. Apesar da grande movimentação

existente e das perspectivas do crescimento da luta, a situação este ano é diferente daquela do ano passado, quando a categoria deflagrou uma greve de 10 dias e conquistou vitórias. É que neste ano juntamente com a campanha salarial há a campanha pela renovação da diretoria do sindicato, com três chapas disputando as eleições que se realizarão no dia 24 de novembro próximo.

VAI DAR CHAPA 1
Bastante prejudicial para a luta salarial tem sido a propaganda eleitoral das chapas 2 e 3, que, segundo um operário da Cibresme, "só tem servido para dividir os metalúrgicos, pois não apresentam qualquer proposta para melhorar o salário, preocupando-se apenas em atacar policialmente aqueles companheiros que sempre estiveram na luta e que todos nós conhecemos".
O objetivo destas duas chapas é difamar a chapa 1. "A Chapa 1 é a única que vem se preocupando com a campanha salarial. O pessoal de lá está todo dia com a gente nas fábricas e está fazendo tudo para unir a categoria para a gente ter força e conseguir salários melhores. O pessoal da chapa 2 é todo conhecido. É gente que foi até o fim da luta na greve passada. O **Guerreiro** é o mais conhecido de todos", afirma o mesmo operário da Cibresme.
Não é para menos que nos muros das principais fábricas de Fortaleza são vistas inscrições que dizem: "Chapa 1 com **Guerreiro** é luta".

POLÍTICA DO ARROCHO - III

Mínimo é problema de todos

A atual lei salarial divide os trabalhadores em faixas de acordo com o salário mínimo. O salário mínimo na região sudeste está em 4.150 cruzeiros. Isso determina que a primeira faixa salarial que vai de zero a três salários mínimos seja até 12.450 cruzeiros.

Quem ganhar até 12.450 cruzeiros terá como reajuste o INPC mais 10% e mais a produtividade, e quem ganhar mais de 12.450 cruzeiros vai ter um reajuste menor.

Se o salário mínimo fosse corresponder às reais necessidades de um trabalhador e de sua família ele deveria ser muito maior. O cálculo foi feito pelo Dieese e dá 14 mil cruzeiros.

Se nós aplicássemos o valor de 14 mil cruzeiros, teríamos para a primeira faixa de trabalhadores de zero a três salários mínimos o limite de 42 mil. Isso faria com que muito mais trabalhadores caíssem na faixa do reajuste maior.

A partir dessa nova lei a luta pelo aumento do salário mínimo passa a interessar a todos os trabalhadores, mesmo que não ganhem salário mínimo, porque ele é o valor de referência para a divisão em faixas.

O salário mínimo de 4.150 cruzeiros é uma vergonha, pois já em março, para comprar uma cesta padrão de alimentos para uma família de cinco membros, o trabalhador gastava 9.350 cruzeiros.

Nas campanhas salariais deste fim de ano várias categorias estão reivindicando um piso salarial de 14 mil cruzeiros. É uma luta justa dos gráficos, têxteis, metalúrgicos e que pode caminhar para uma luta mais geral e ampla da classe operária e de todos os assalariados: a luta por um salário mínimo real e unificado que corresponda às necessidades do trabalhador e de sua família em todos os pontos do território nacional.



Pelego já caiu

Clima de revolta

Novo Hamburgo, RS - No dia 10 de outubro o grupo de oposição sindical de Novo Hamburgo conseguiu uma importantíssima vitória: a conquista do Sindicato dos Metalúrgicos. Osmar Bloss, integrante da chapa vitoriosa, denunciou ao Tribuna as tentativas de suborno e corrupção de que ele foi vítima. Propuseram um cargo de chefia para ele largar a chapa.

Outra intervenção?

Bancários, SP - Frente aos boatos de intervenção no sindicato dos bancários de São Paulo, várias entidades sindicais, democráticas e populares já se mobilizaram para impedir mais uma ação arbitrária do ministério do Trabalho. A alegação de "irregularidades administrativas" é pura farsa para afastar dos sindicatos dirigentes mais atuantes e combativos.

Mais 3 anos traindo

Eletricitários SP - Por mais três anos os eletricitários terão na diretoria de seu sindicato o pelego Rogério Magri. A diretoria da LIGHT contribuiu muito para a vitória de Magri: "aconselhou" os membros de duas chapas de oposição a não se inscreverem ou seriam demitidos. Só com a participação ativa dos eletricitários é que o sindicato poderá ser ativado.

Assembleia valeu

Gráficos, SP - Mesmo num domingo com frio e chuva 127 gráficos fizeram uma importante assembleia dando prosseguimento a campanha salarial deste ano. As reivindicações apresentadas pelos trabalhadores que vêm de um Congresso bastante importante foram principalmente: aumento de 30% acima do INPC, garantia no emprego, piso de 14.000 cruzeiros; e reajuste trimestral dos salários. Dia 26 será realizada a próxima assembleia.

Experiência positiva

Motoristas, AL - Os motoristas e cobradores pediam 11,186 cruzeiros e os patrões só ofereciam 10.500 cruzeiros. A diretoria do sindicato dominada por pelegos tentava manobrar para evitar a greve. Na segunda-feira, dia 29, duas das maiores empresas de Maceió ficaram paralisadas. Os patrões foram obrigados a melhorar sua proposta e ofereceram 500 cruzeiros. Os trabalhadores voltaram a trabalhar de cabeça erguida e disseram que o ano que vem tem mais.

da Luta

Entre em contato com a Sucursal do seu Estado. O jornal precisa da sua ajuda voluntária, em trabalho e em dinheiro. Os endereços das Sucursais estão no Expediente, na página 2.

Com o apoio que você vai dar, vamos continuar avançando até construir realmente uma tribuna de toda a classe operária e de todo o povo trabalhador deste país.

A classe operária tem que ter a sua imprensa

Nenhuma classe triunfa na luta pelos seus interesses se não conta com órgãos de divulgação que estejam ao seu serviço. A classe operária precisa de uma **imprensa operária**, para dar a sua resposta para a crise que o país atravessa e apontar a sua alternativa para a sociedade brasileira.

Durante a greve do metalúrgico de S. Bernardo, sempre que a reportagem da TV Globo aparecia nas assembleias-gigantes do estádio da Vila Euclides, era recebida com uma sonora salva de vaia. Os operários reconheciam na Globo a imprensa dos inimigos de classe, que engana, distorce e chega até a mentir para defender os lucros e a "paz social" dos capitalistas.

UMA CADEIA DE JORNAIS

Mas existe outra imprensa bem diferente daquela. Diferente porque não conta com verbas milionárias, com anúncios pagos a peso de ouro e empréstimos externos de milhões de dólares. Diferente, acima de tudo, porque diz a verdade, defende com consequência os direitos dos trabalhadores das cidades e do campo, denuncia a exploração capitalista, desmascara o regime da burguesia e aponta aos explorados e oprimidos o caminho da emancipação social. Esta é a imprensa operária. Por tudo isto ela é perseguida pelos patrões, pelos fascistas, pelos órgãos policiais e judiciais do regime militar. E pelo

mesmo motivo é lida, admirada e apoiada pelo existe de melhor dentro da classe operária e do povo.

A imprensa que a classe operária necessita, e está construindo, é todo um sistema de órgãos de informação e formação. Uma rede que vai desde os jornais de bairro, de sindicato e às vezes até de empresa, os simples panfletos e boletins, passando pelos jornais locais e regionais, até os órgãos de circulação nacional.

Para merecer o nome de imprensa operária, não basta dirigir-se para um público de trabalhadores. Jornais que pregam a colaboração entre exploradores e explorados, o sindicalismo reformista atrelado ao governo e aos patrões não são realmente imprensa operária. Desde o nível sindical e os seus problemas específicos, os trabalhadores precisam de órgãos impregnados de sentimento de classe e firmeza.

Isto porém não basta. Assim como os capitalistas têm sua máquina de propaganda montada de alto a baixo, com a missão de mentir, a classe operária tem

de ter também a sua, para difundir a verdade, em todos os níveis. Um jornal operário nacional e de massas, como a **Tribuna**, é hoje uma necessidade. Igualmente necessário é também uma revista teórica, política e de informação, para propagar os princípios do socialismo científico, a doutrina do proletariado.

TAREFAS FUNDAMENTAIS

A imprensa operária cumpre tarefas fundamentais, sem as quais nem se pode pensar em fazer com que os trabalhadores alcancem o lugar que merecem na sociedade. A primeira delas é mostrar aos operários que a libertação ou mesmo a melhoria das condições de vida não virão da generosidade patronal ou governamental, que tudo quanto o proletariado precisa e tem direitos só pode ser conseguido com união e luta. Retratar o capitalismo tal qual ele é, com sua exploração implacável, suas crises e seu desemprego, o empobrecimento constante do povo e a carestia de vida. Apontar o socialismo com única saída para todos os trabalhadores se livrarem dos sofrimentos atuais.

Também é tarefa importante apoiar a organização dos trabalhadores na empresa, no sindicato, no bairro, em toda parte, ajudar a forjar sua unidade para as lutas de hoje e de amanhã. A própria imprensa é um organizador e unificador coletivo, na medida em que indica e responde a cada momento os problemas que sua classe enfrenta.

PARA SER VANGUARDA

Mas a imprensa operária não pode se restringir apenas às questões proletárias propriamente ditas. Se o proletariado quer estar na direção das transformações sociais que o país exige, sua imprensa precisa estar na linha de frente da luta contra a exploração imperialista, contra o sistema do latifúndio, contra os monopólios associados ao capital estrangeiro, que é uma batalha do povo em geral. Precisa dirigir-se a todas as classes. Atualmente deve dar exemplo de espírito unitário e firmeza, no combate ao regime militar, suas artimanhas, sua repressão e seu terrorismo, na exigência da liberdade mais completa possível, de um governo democrático e de unidade popular, de uma Constituinte soberana livremente eleita.

Uma imprensa operária vigorosa é indispensável, não só para os operários agirem enquanto classe que sabe o que quer, mas também para atrair os aliados que ajudarão esta classe a lutar e vencer.



A Tribuna num ato contra o terror em SP: o jornal está com o povo e o povo com o jornal

Como se faz este jornal

Para fazer um jornal é necessária toda uma infra-estrutura: dinheiro para comprar papel, material de imprensa, aluguel de salas, remuneração de pessoal, etc. Em segundo lugar, necessita-se de pessoas encarregadas de coletar as notícias, dados, informações, reportagens e análises. Depois do jornal pronto é preciso ainda que exista uma cadeia para distribuição e venda.

A imprensa burguesa consegue montar esta estrutura com facilidade, pois conta com dinheiro à vontade, sendo a publicidade seu filho principal. A imprensa operária, por seu lado, além de não contar com capital, ainda é vítima da repressão, seja através da perseguição policial ou atentados terroristas.

TRABALHO COLETIVO

Para enfrentar todas estas dificuldades, a classe operária só tem uma arma eficaz: a união e organização. A **Tribuna Operária** é um exemplo de trabalho coletivo da classe operária e seus aliados. A sustentação do jornal é feita com dinheiro das vendas e a colaboração voluntária de um grande

número de pessoas. Isto permite que o jornal seja lido desde as pequenas e grandes fábricas de São Paulo, Rio, Belo Horizonte até pelos seringueiros do Acre, passando pelos posseiros do Maranhão, Pará e muitos outros locais.

CORRESPONDENTES VOLUNTÁRIOS

Para que seja um jornal lido de Norte a Sul do país, a **Tribuna Operária** precisa mostrar em sua páginas desde os principais acontecimentos do Brasil e do mundo até os pequenos fatos que têm particular interesse para os trabalhadores, como as perseguições nas fábricas e no campo. Estas notícias chegam ao jornal através do grande número de correspondentes voluntários, operários, lavradores, donas-de-casa, professores, estudantes que enviam seus relatos dos mais diferentes acontecimentos. Muitas vezes a matéria chega até nós sem um tratamento jornalístico, mas refletindo a realidade de quem escreveu, que geralmente é o próprio personagem do fato ocorrido. A notícia é transforma-

da em linguagem jornalística, mas procurando preservar ao máximo as características de quem escreveu.

Com as notícias em mãos, o jornal é impresso, entrando em ação outro tipo de colaboração: são os propagandistas e vendedores da **Tribuna**, que se incumbem de divulgá-la para que um número cada vez maior de trabalhadores possa lê-lo. Uma das maneiras de se difundir o jornal aos operários é fazendo mutirões de venda nas portas de fábricas. Além deste tipo de mobilização, o jornal é vendido dentro das próprias fábricas por operários amigos da **Tribuna Operária**.

GRUPOS DE AMIGOS

Onde houver um amigo da **Tribuna**, o jornal é vendido, seja nos sindicatos, no campo, nas fábricas, nas escolas ou na rua.

Para haver toda esta mobilização, estes colaboradores se unem em seus locais de trabalho ou moradia e criam os núcleos de apoio ou grupos de amigos da **Tribuna Operária**, onde fazem um trabalho coletivo pela implantação do jornal.



Primeiro de Maio de 1980, Salvador: a Tribuna presente

Uma história que vem de muito longe

A imprensa operária brasileira é quase tão velha quanto a própria classe operária. Sempre foi perseguida de uma ou outra forma, mas sempre circulou. No governo Dutra, por exemplo, as apreensões de jornais em bancas eram diárias, assim como as pressões contra jornalistas e distribuidores. Redações eram invadidas e empasteladas. Mas quando um jornal era fechado, ressurgia com outro nome. O diário carioca **Imprensa Popular** reapareceu como **Tribuna Popular**, e depois como **Folha do Povo**. O diário paulista **Hoje** virou **Notícias de Hoje**, **Resistência** e por fim **Resistência Popular**. Coisa semelhante ocorreu também em Belo Horizonte, Salvador e Porto Alegre.

RESISTÊNCIA HERÓICA

Devido à perseguição de governos reacionários, muitos jornais tiveram de passar à clandestinidade. Foi o caso da **Classe Operária**, órgão dos comunistas desde 1925, cuja história é uma saga de heroísmo. Conta-se que na década de 30, a gráfica da **Classe** foi cercada pela polícia. Seu responsável, o cabo Jofre, fez explodir a gráfica e depois saiu atirando. Preferiu morrer a deixar que a imprensa do Partido Comunista caísse nas mãos dos policiais.

Em épocas de certa liberdade a imprensa operária floresceu com vigor. Em 1945, surgiu uma verdadeira rede de

jornais diários e semanários, além de revistas e até uma agência de notícias, a **Interpress**, para dar caráter nacional aos noticiários dos jornais locais.

PORTA-VOZES DAS MASSAS

Os operários, camponeses, estudantes, donas-de-casa, contribuíam de diversas formas para que esses jornais continuassem circulando. Estes, por sua vez, procuravam refletir ao máximo a vida da gente simples do povo, levantando suas reivindicações. Realizavam campanha contra as multas nos salários, a carestia, em defesa das campanhas salariais, etc.

Para isto, eles recorriam a um vasto esquema de correspondentes populares. A **Folha do Povo**, de Recife, por exemplo, tinha correspondentes na Zona da Mata, no Agreste e até em afastadas localidades do sertão, em geral trabalhadores.

DE ONDE VINHA O DINHEIRO

A seção **Fala o Povo** da **Tribuna Operária** é herdeira das seções onde muitos desses jornais divulgavam amplamente cartas de seus leitores, que exprimiam ai seus problemas, suas lutas, seus anseios e críticas.

Assim como participavam da elaboração dos jornais, as massas contribuíam para sustentá-lo, através de mutirões nas portas de fábricas,



vendedores nas próprias empresas e redes de contribuintes fixos. A criatividade era grande: um vendedor operário do **Notícias de Hoje** chegou a vender mais de 3 mil exemplares em poucas horas. Arranjou um galo de três pernas, um fenômeno, e o colocava nas feiras livres da Zona Leste de S. Paulo. Quando os curiosos se aproximavam, ele passava a fazer propaganda do jornal.

O QUE PENSAM DA TRIBUNA OPERÁRIA ALGUNS LÍDERES OPERÁRIOS, SINDICAIS E POPULARES



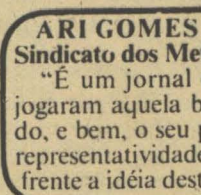
AURÉLIO PERES, operário metalúrgico, deputado federal por S. Paulo: "Durante estes 17 anos de ditadura a imprensa viveu manietada. Só foi possível quebrar essa situação graças à ação dos trabalhadores e democratas. É preciso destacar a importância da imprensa alternativa para a conquista dessas vitórias parciais. Não posso deixar de elogiar a **Tribuna Operária** pela ação desenvolvida durante este ano de vida, principalmente junto à classe operária, levando a informação, o debate e ajudando na organização. Estou certo de que ela muito contribuiu para o avanço da luta operária e muito poderá ainda contribuir".



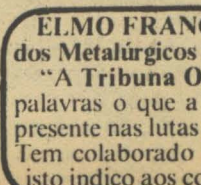
JOÃO AMAZONAS, dirigente do PC do Brasil, veterano sindicalista. "Em seu primeiro aniversário, a **Tribuna Operária** já se transformou num jornal querido das massas. Em suas páginas, os trabalhadores podem ver que a sua luta é uma só, que seus inimigos são os mesmos, estejam no norte ou no sul. Eles colaboram na confecção do jornal. Escrevem cartas, mandam reportagens, fazem denúncias."



JOÃO DE DEUS, veterano líder sindical metalúrgico do Rio de Janeiro. "A **Tribuna Operária** é um jornal que ouviu a opinião do povo. Como jornal dos trabalhadores, está cumprindo a sua missão. Cobriu a luta pela anistia, a greve do ABC, as lutas sindicais e das associações de bairro, as reivindicações dos camponeses. Fez propostas concretas para enfrentar a manobra da "abertura" do regime e levantou a bandeira das liberdades democráticas."



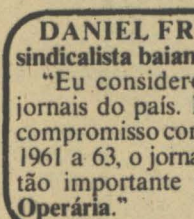
ARI GOMES SOUZA, "Macarrão", tesoureiro do Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói: "É um jornal combativo, de primeira linha. Por isto jogaram aquela bomba na sucursal do Rio. Tem cumprido, e bem, o seu papel. Basta ver o número de leitores e a representatividade que tem na classe operária. Eu levo à frente a ideia deste jornal."



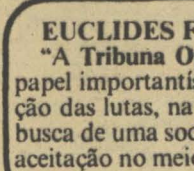
ELMO FRANCISCO PINTO, delegado da Federação dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro: "A **Tribuna Operária** procura sintetizar em poucas palavras o que a classe operária necessita. Procura estar presente nas lutas operárias com o objetivo de melhorá-las. Tem colaborado muitíssimo com o nosso Sindicato. Por isto indico aos companheiros para lerem o jornal."



ABDIAS DOS SANTOS, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói. "É um bom jornal, procura estar sempre presente no movimento metalúrgico de Niterói. Tem cumprido a sua missão de jornal operário. Quando eu estava na base, passava o jornal para outros companheiros. Depois de eleito, já escrevi artigos para o jornal."



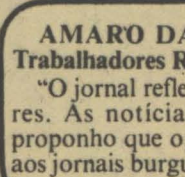
DANIEL FRANCISCO DOS SANTOS, veterano sindicalista baiano, cassado pelo golpe: "Eu considero a **Tribuna Operária** um dos maiores jornais do país. Primeiro porque é um jornal que só tem compromisso com a classe operária. Em datas anteriores, de 1961 a 63, o jornal que se lia era a **Voz Operária**, mas não era tão importante na difusão das lutas quanto a **Tribuna Operária**."



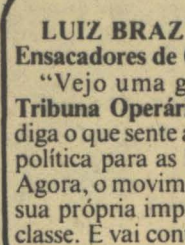
EUCLIDES FAGUNDES, líder bancário de Salvador: "A **Tribuna Operária** no seu primeiro ano cumpriu um papel importantíssimo em todas as categorias, na divulgação das lutas, na proliferação das ideias do socialismo, na busca de uma sociedade justa. Por isso ela teve uma grande aceitação no meio bancário por exemplo."



FRANCISCO LIRA, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Fortaleza, Ceará. "Eu acho que a **Tribuna Operária** vem tendo uma penetração no meio operário. Está sendo lida com frequência e tem boa aceitação. Está dando uma melhor conscientização, com as notícias e comentários sobre as lutas, as greves, o ABC. Isto é avanço das lutas da classe."



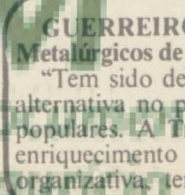
AMARO DA SILVA, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barreiros, Pernambuco: "O jornal reflete realmente os interesses dos trabalhadores. As notícias são fiéis aos fatos. Como sugestão proponho que o jornal passe a ser diário, para fazer frente aos jornais burgueses".



LUIZ BRAZ DA SILVA, presidente do Sindicato dos Ensacadores de Café de Paranaguá, Paraná: "Vejo uma grande importância num jornal como a **Tribuna Operária**, necessário para que a classe expresse e diga o que sente ao mesmo tempo que vai impondo sua linha política para as lutas, do ponto de vista de seus interesses. Agora, o movimento operário conquistou um espaço para a sua própria imprensa. A **TO** já prestou grandes serviços à classe. E vai continuar prestando, tenho certeza".



JOÃO BACARAT, presidente do diretório municipal do PMDB de Várzea Grande, Mato Grosso do Norte. "Ao completar seu primeiro ano de luta árdua em defesa das liberdades democráticas, o jornal **Tribuna** nos ensinou e mostrou como caminhar pelas estradas livres do desejo popular. Obrigado, **Tribuna**, por ser canal livre dos nossos anseios. Parabéns".



GUERREIRO, candidato a presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Fortaleza: "Tem sido de muita importância o papel da imprensa alternativa no processo de elevação das lutas operárias e populares. A **Tribuna Operária** tem contribuído para o enriquecimento deste processo, pela sua linha política e organizativa, tentando unificar as lutas nacionalmente".



Desde a guerrilha o Exército está presente na região do Araguaia

EXÉRCITO ATUA NO ARAGUAIA

“Luta mais acesa”

O Exército volta a intervir na região do Araguaia. A razão: os posseiros resistem de armas nas mãos às injustiças. Na lembrança a Guerrilha de três anos.

20 de junho: Nove pistoleiros fortemente armados a mando do Dr. Germano, do **Bamerindus**, ameaçam o posseiro Lázaro Barros, em Cachoeirinha, no Baixo Araguaia. A ordem é para que Lázaro saia imediatamente da terra.

27 de junho: Os posseiros de Cachoeirinha se reúnem e resistem. Com espingardas de caça fazem fogo contra os pistoleiros: não para matar, mas para avisar que não deixarão a terra, sem muito “quebra-milho”.

18 de agosto: As autoridades intervem. Estranhamente não são soldados da PM, mas sim do Exército, do 23ª Brigada de Infantaria de Selva do Exército, todos armados com fuzis **Fal**.

9 de setembro: Os posseiros do Bamerindus voltam a atacar. Queimam dois barracos e prendem um lavrador, o Mineirinho. No mesmo dia os posseiros se reúnem e mensageiros são mandados para várias regiões. A noite começam a chegar lavradores de várias localidades com espingardas nas costas.

12 de setembro: Novamente o Exército intervem. Um capitão promete aos posseiros que tomará providências, quando estes já cercavam a sede da fazenda do Dr. Germano.

EXÉRCITO ENTRA EM CENA

Este é apenas um caso, dentre os inúmeros conflitos que mobilizam a

região do Baixo Araguaia. Exatamente ali, entre São Geraldo, em frente a Xambioá, e a ponta da Ilha da Barreira Branca, que se localiza o povoado de Itaipavas, o Destacamento C desenvolveu suas ações políticas e militares na conhecida Guerrilha do Araguaia. Hoje, no Araguaia, a luta está mais acesa.

Até há pouco tempo, o Exército agia na área com cautela. Deixava que a Polícia Militar fizesse o trabalho sujo de despejar, espancar e torturar lavradores. Somente o Major Marcos Luchini, o Curió, agia ostensivamente, mas sempre a paisana.

Agora não. Diante do avanço da luta de massas, e seu caráter no mais das vezes armado, o Exército começou a desenvolver nestes últimos trinta dias uma larga operação-presença na região. Além das operações da Cachoeirinha tem-se notícias de tropas transportadas por helicópteros entre os dias 13 e 15 de setembro, no povoado de Itaipavas. É que no dia 28 de agosto duas turmas de posseiros agiram contra o notório grileiro Neif Murad e seus pistoleiros.

INTERVENÇÃO ÀS CLARAS

O fato é que diante dos acontecimentos do último mês, onde os posseiros do

Baixo Araguaia deram demonstração eloqüente da disposição de não entregarem as suas terras para os grileiros, determinados a resistir de armas na mão se preciso for, o Exército, pela primeira vez, desde os tempos da Guerrilha, resolveu intervir novamente na região.

Esta intervenção possui grande significado. De imediato, o Exército, desde o início da abertura, volta a sair dos quartéis para intervir na **sociedade civil**, ocupando uma função que não lhe pertence, demonstrando que toda a vez que a luta do povo avança, os militares não conseguem sossegar nos quartéis. E essa ação no Baixo Araguaia é um claro aviso para a **sociedade civil**.

Por outro lado, essa intervenção coloca o Exército na região numa verdadeira sinuca. Antes tudo era feito para demonstrar aos lavradores que as Forças Armadas eram amigas. Agora, esse comportamento não é mais possível. O Exército começou a agir abertamente.

E como pano de fundo neste imenso palco, a Guerrilha do Araguaia, a apavorar os militares, como um fantasma vivo, e a alegrar os posseiros, como picada aberta na mata, trilha de luta, que um dia os libertará. (do **Correspondente**)

VIOLÊNCIA NO MARANHÃO

Posseiros resistem

Classídio Teixeira Soares era grande inimigo dos posseiros de Santa Luzia no Maranhão. Desde 1964 que Classídio ameaçava os 600 moradores do povoado de Floresta e Vista Alegre, querendo dominar mais de 1.300 hectares de terras ricas.

Nos últimos dias de setembro Classídio, continuando com o seu método de grileiro, soltou gado na terra dos posseiros, na velha prática de colocar a cerca depois. Ele conseguiu comprar algumas posses separadas entre si e queria juntá-las na marra.

Os posseiros depois de seis anos de luta, de apelos às autoridades, de humilhações e perseguições policiais, de maus tratos dos jagunços de Classídio, resolveram fazer justiça com as próprias mãos. Quando os bois de Classídio invadiram as posses dos camponeses eles não tiveram dúvida e passaram fogo em todos. Acabaram com o gado do grileiro.

Na sexta-feira, dia 3 de outubro, o

grileiro ficou furo de raiva e avisou todo mundo que iria resolver a questão por bem ou por mal no sábado de manhã.

POSSEIROS ABREM FOGO

Quando Classídio e dois pistoleiros super-armados desceram de carro no povoado de Floresta, os posseiros estavam entinchados em suas casas e abriram fogo.

No tiroteio os três bandidos ficaram crivados de bala de vários calibres e morreram na hora. Nenhum camponês saiu ferido e depois dessa verdadeira batalha tomaram a sábia decisão de cair no mato.

Os camponeses sabem que a polícia nunca irá dar razão a eles. Imediatamente, a polícia cercou toda a área com mais de 100 homens, cometendo violências e humilhando a população.

De lá para cá, as violências policiais se multiplicam, várias prisões e torturas psicológicas são praticadas pelos polici-

ais em fúria contra os posseiros. No povoado de Floresta arrombaram portas das casas de moradores, fizeram uma fila com 50 velhos, homens e mulheres, bateram em alguns, fizeram andar de quatro, fizeram um beijar o outro. Isso tudo sob a mira de fuzis e metralhadoras.

Foram efetuadas as prisões de João Batista do PMDB, Zizi, delegado sindical e Zé Pedro, secretário do Sindicato, que foram levados para São Luiz. De acordo com o delegado de polícia de Santa Inês, que fica perto de Santa Luzia, as tropas policiais têm ordem para matar. Por sua vez, os camponeses apelam a todos os trabalhadores e democratas do Brasil para que mobilizem todas as entidades e movimentos populares numa campanha de solidariedade.

O apoio da classe operária é uma necessidade para esses humildes posseiros que não fogem do confronto quando este é necessário.

LUTA NOS CANAVIAIS-PE

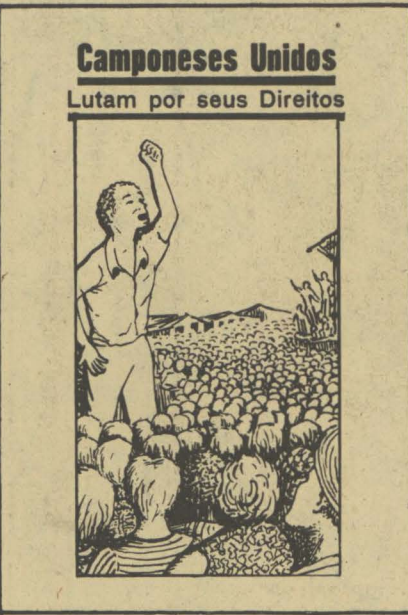
Greve foi vitoriosa

A greve dos canavieiros de Pernambuco foi uma grande vitória para todos os trabalhadores brasileiros. Afinal, é a primeira vez, desde o golpe militar de 64 que se faz uma greve de toda a categoria no Estado. É preciso lembrar que na Zona da Mata de Pernambuco mesmo a legislação trabalhista não é respeitada pelos usineiros e fornecedores de cana, que partiram para a radicalização querendo revogar até as conquistas da greve de 1979.

Uma das leis que não é obedecida é a que obriga os latifundiários a cederem 2 hectares de terra para os trabalhadores plantarem gêneros de subsistência para complementar seus míseros salários.

O mesmo aconteceu com o delegado sindical, que também foi garantido no atual dissídio. É preciso lembrar que em 1964, as lideranças dos sindicatos e das Ligas Camponesas foram presas, assassinadas, torturadas e a repressão desmantelou o movimento camponês em Pernambuco.

Os trabalhadores sentem que foi uma vitória garantir a aprovação dos termos da convenção do ano passado, com algumas melhorias importantes, como a balança aprovada e aferida pelo



Instituto de Pesos e Medidas. Relatórios da própria Delegacia Regional do Trabalho atestam que os patrões roubavam os trabalhadores em até 40% do peso da cana cortada.

Os usineiros e fornecedores de cana fizeram tudo para dividir e isolar o

movimento dos trabalhadores, mas com a coordenação da FETAPE, Federação dos Trabalhadores Agrícolas de Pernambuco, com o auxílio da CONTAG, e dos sindicatos mais combativos, mesmo as diretorias pelegas de alguns sindicatos foram arrastadas pela maré grevista dos trabalhadores. A unidade não foi mantida por acordos de cúpulas, mas forçada pela pressão das bases.

Hoje existem mais delegados de engenho. A mobilização foi muito mais intensa do que no ano passado, o que poderá garantir o cumprimento do acordo.

Durante dois dias 250 mil trabalhadores pararam e isso em 42 municípios. A forma decidida pela qual se manifestaram os trabalhadores evidenciou seu potencial revolucionário, sua vontade de mudar. Por todas as áreas e durante assembleias um assunto corria de boca em boca: terra para plantar.

Pela própria natureza das classes dominantes em Pernambuco, os acontecimentos tendem a mudar de cor, com lutas mais frequentes e mais decididas. No dia 6 de outubro sete engenhos pararam porque os usineiros quiseram desmentar os dias parados. A volta ao trabalho só se deu com o pagamento.



Uma farsa americana

No dia 4 de novembro, os Estados Unidos serão palco de uma multimilionária farsa: as eleições presidenciais. Estas terão como principais protagonistas o atual presidente James Carter e o ex-governador Ronald Reagan, reacionário fanático e delator. Apesar de se atacarem mutuamente, os dois candidatos são faces de uma mesma moeda — a moeda das multinacionais, de que são enérgicos defensores. E sua plataforma eleitoral, que diu apenas na demagogia, têm um grande ponto em comum: levar os trabalhadores dos Estados Unidos e de todos os países dominados pela multinacionais a pagarem pela grave crise atualmente atravessada pelo capitalismo.

Recordando os mortos

Centenas de pessoas se encontram detidas, em condições subumanas, nos cárceres do Departamento de Investigações do Paraguai, desde a morte do ex-ditador nicaraguense Anastasio Somoza, no dia 17 de setembro. A denúncia, feita pelo Comitê de Defesa dos Direitos Humanos para os países do Cone Sul (Clamor), acrescenta que mais de 160 estrangeiros, em sua maior parte argentinos, estão sendo entregues à polícia da Argentina. A ditadura paraguaia também mantém detido o principal líder da oposição paraguaia, Domingos Laino, sem fornecer nenhuma explicação sobre os motivos de sua prisão.

Terror no Paraguai

Enfrentando a repressão policial, milhares de espanhóis saíram às ruas no dia 27 de setembro, nas principais cidades do país, para recordar o quinto aniversário do assassinato de cinco militantes do Partido Comunista Espanhol (marxista-leninista) e do ETA. A execução dos jovens pelos fascistas provocou uma grande indignação internacional, além de provocarem violentas manifestações de protesto contra o regime franquista.



Jovens a caminho do trabalho voluntário: eles consideram uma honra batalhar pelo socialismo

A juventude de pé

Luciano Martorano, brasileiro de Campinas, 20 anos de idade, membro da Judepro, acaba de visitar a Albânia a convite da União da Juventude do Trabalho daquele país. De volta ao Brasil, ele descreve, em artigo exclusivo para a Tribuna Operária, suas impressões sobre a vida da nova geração numa sociedade socialista.

Na Albânia a coisa mais difícil de se ver é um jovem de mãos abanando em dia de trabalho. Todos estão estudando ou trabalhando, construindo o socialismo em seu país.

Surpreende também o nível cultural. Geralmente todo jovem sabe uma língua do albanês, seja operário, camponês ou estudante. Aliás nem se percebe essa diferença. Nas principais indústrias funcionam escolas médias ou mesmo superiores. No complexo siderúrgico de Elbasan, por exemplo, há uma filial da universidade. Já os universitários trabalham um ano na produção antes de entrar no curso superior, outro ano depois de formados, e ainda um mês em cada ano letivo. É parte do currículo!

CULTURA E LAZER

A juventude albanesa não conhece o desemprego nem a exploração. Há jovens mineiros que chegam a receber

salário igual ao de um ministro. Mas sabe muito bem o que é cultura, lazer, esporte.

Cada jovem albanês é um cantor e um músico. Em cada escola, indústria ou cooperativa agrícola existem vários grupos musicais e artísticos, além de bibliotecas e teatros especialmente para a juventude. Na cidade de Shkodra, por exemplo, os próprios jovens administram um clube.

No esporte, além do futebol, que é muito popular, pratica-se muito vôleibol, basquete, natação, tiro-ao-alvo.

Travei contato durante a viagem com uma juventude feliz, alegre, dinâmica, que não sabe o que seja falta de perspectiva ou vazio espiritual. Uma juventude educada para ter personalidade sólida, confiança em si mesma, nas suas próprias forças: os jovens mostram um grande respeito pelos seus pais, que fizeram a guerra de libertação. Os rapazes respeitam as moças e todos se ajudam uns aos outros. Um lema muito difundido por lá é “Um por todos, todos por um”.

TRABALHO VOLUNTÁRIO

Quando a Albânia libertou-se dos nazistas, em 1944, não possuía um

quilometro sequer de estrada de ferro. De lá para cá, tornou-se tradição a construção de ferrovias com o esforço voluntário da juventude. Durante um mês, milhares de jovens suspendem o trabalho habitual, o estudo, e vão para os canteiros de obras. Assim ficam conhecendo jovens de outras regiões e cidades, fazendo novas amizades.

Atualmente está em construção a ferrovia Lac-Shkodra, que vai até a fronteira com a Iugoslávia. Todo trabalho é feito pela juventude e de forma voluntária, sem cobrar nada.

A UNIÃO DA JUVENTUDE

A União da Juventude do Trabalho da Albânia — IJTA — elaborou um programa especial para manter vivo o espírito revolucionário na nova geração, ensinando a quem nasceu depois da libertação as dificuldades que o povo tinha no passado. Também programa debates com veteranos da luta libertadora, que contam como o povo albanês conseguiu vencer seus inimigos. Todos recordam que dos 28 mil albaneses que deram a vida pela liberdade da pátria, durante a Guerra, a esmagadora maioria era formada por jovens que se sacrificaram para que hoje o povo viva feliz.

FIGUEIREDO NO CHILE

Regimes Irmãos

A visita do general Figueiredo ao Chile, encerrada dia 11 passado, não serviu apenas para mostrar quem são os amigos do regime militar brasileiro. Demonstrou também que, apesar de todos os desmentidos oficiais, está em marcha acelerada a colaboração entre as ditaduras militares latino-americanas, contra os seus povos.

Vários jornais, tanto do Brasil como do Chile, teceram elogios às hipócritas declarações de Figueiredo em favor da democracia, como se isto servisse para amenizar o fato de estar prestigiando uma das mais sangrentas ditaduras militares do mundo, que em sete anos forçou mais de um milhão de chilenos a se asilar, por motivos econômicos ou políticos.

Essa visita também investe contra um boicote exercido por grande parte dos países do mundo. Depois do “pinochetismo”, apenas três chefes de Estado se atreveram a viajar ao Chile (os da Argentina, Uruguai e Paraguai). Até mesmo os Estados Unidos, que financiaram o golpe de 1973, evitam de demonstrar apoio à ditadura chilena. Mas isso não ocorre com Figueiredo, demonstrando o seu desprezo ao povo brasileiro, que repudia a ditadura de Pinochet.

UM PAÍS A VENDA

Diante de toda essa imagem negativa, o que levou o governo brasileiro a realizar tal visita? Um dos motivos é o econômico. A ditadura de Pinochet, apoiada por fortes empréstimos do Fundo Monetário Internacional (FMI), transformou o país em um farto banco para o capital estrangeiro. Os principais setores da economia chilena foram entregues às multinacionais, sem nenhuma restrição, gerando pesados sacrifícios para os trabalhadores.



O vandalismo da ditadura chilena no golpe de 1973

Os empresários brasileiros não poderiam ficar ausentes desse banquete: foram firmados acordos nas áreas de mineração, telecomunicações, construção de usinas e estradas. E, em suas conversações, Figueiredo e Pinochet estudaram um acordo sobre a energia nuclear, cuja implantação vem sendo combatida pelo povo brasileiro.

PACTO REPRESSIVO

A viagem de Figueiredo ocorre em meio a intensos contatos entre a Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai e Bolívia, visando articular a repressão entre as ditaduras militares desses países. Vendo ser insuficiente a repressão interna, os ditadores tentam alcançar seus opositores no exterior, e já sobem a centenas os sequestros e atentados em território estrangeiro. Vários porta-vozes do governo brasileiro já negaram sua participação nesse pacto, mas na prática ele está vigorando. Basta lembrar que, após sua viagem à Argentina, Figueiredo promulgou a vergonhosa Lei dos Estrangeiros, que viola os mais elementares direitos humanos. E agora deverá regulamentar essa lei, justamente ao retornar do Chile.



Com a proximidade das campanhas salariais de diversas categorias, "Fala o Povo" recebeu neste número muitas cartas de operários e trabalhadores. Elas denunciam os pelegos e os traidores do movimento operário e indicam o caminho a ser seguido para que as campanhas possam ter êxito e os trabalhadores consigam receber salários condignos.

Continuem colaborando para que "Fala o Povo" seja uma das seções mais fortes do nosso jornal. Uma seção para troca de experiências, para se fazer denúncias, uma tribuna de luta a serviço dos oprimidos. Usem também o Consultório Popular. Esclareçam suas dúvidas quanto a questões trabalhistas, políticas, problemas que a gente enfrenta no dia-a-dia. Esperamos que nosso jornal e particularmente nossa seção, que já completaram a partir deste número 1 ano de vida, continuem a cumprir e cada vez melhor sua missão. Nosso endereço: rua Conselheiro Ramalho, 501. Bela Vista, SP. CEP 01325. (Olivia Rangel)



DESAPARECIDOS DA GUERRILHA DO ARAGUAIA-RJ

Recordar os heróis

O Comitê Brasileiro pela Anistia do Rio de Janeiro comunica que familiares dos mortos e desaparecidos na guerrilha do Araguaia, cumprindo um dever sagrado e inalienável de procurar descobrir o paradeiro de seus filhos, irmãos, maridos e pais, visto que o regime militar se nega a prestar esclarecimentos a respeito, mantendo-se nos mais absoluto silêncio, se vêem forçados a ir, em caravana, àquela região do Sul do Pará, com o objetivo de obter informações quanto ao destino que foi dado a esses patriotas, num total de 59 pessoas, das quais não se têm notícias desde o ano de 1972.

A partir de 1967, vários cidadãos, por diferentes motivos, deixaram, em diversos pontos do país, seus lares, seus empregos, suas Faculdades, a fim de residir na região do Araguaia, onde a população vivia, e ainda vive, no mais completo abandono. Começaram então a desenvolver junto aos camponeses um trabalho no sentido de melhorar suas condições de vida.

Mas foram descobertos, em abril de 1972, pelas Forças Armadas do regime militar, as quais caíram com suas garras cruéis e extremamente desumanas sobre esses rapazes e moças e também, sobre a população camponesa local. A

única alternativa foi resistir, com armas precárias, ao ataque monstruoso das tropas do Exército, da Marinha, da Aeronáutica e das Polícias Militares, pois se fossem aprisionados, fatalmente seriam torturados até a morte como aconteceu a inúmeros patriotas.

O governo mobilizou contra elas cerca de 20 mil homens (...) conseguindo, depois de quase três anos, o massacre daquelas pessoas e de camponeses da região.

O CBA do Rio de Janeiro informa também que os membros da Caravana se encontraram em Belém, à Av. Pedro Miranda, 1556, no dia 29 de outubro do corrente ano (...) onde darão uma entrevista coletiva à imprensa e de lá seguirão para Marabá, onde-deverão estar no dia 26.

O CBA/RJ solicita que se envie todos os esforços, de acordo com as suas possibilidades, no sentido de mobilizar apoio junto aos órgãos de comunicação e entidades democráticas, aos familiares dos mortos e desaparecidos na guerrilha ocorrida no Sul do Pará com a finalidade de divulgar o evento e de ser resguardada a integridade física dos participantes da caravana. (CBA/RJ-Rio de Janeiro, RJ)

OPINIÃO DE LEITOR-SP

Terror vem do regime

Como leitor assíduo deste jornal, devo informá-los de que este é o único que pago menos e leio tudo, sem deixar nada para ler. Resolvi colaborar, colocando no papel não só o que eu penso, mas o que muita gente pensa.

Quando será que o povo vai realmente acordar e reagir contra tudo isso que o governo está fazendo? E o recente terrorismo? Porque será que as faladas cartas-bombas não tiveram outros destinos? Como por exemplo: o gabinete do nosso governador Paulo Maluf, o gabinete dos ministros Murilo Macedo e Delfim Neto e, por que não, do próprio Figueiredo ou dos comandantes do 1º, 2º e 3º Exércitos? Porque até agora os responsáveis não foram sequer achados?

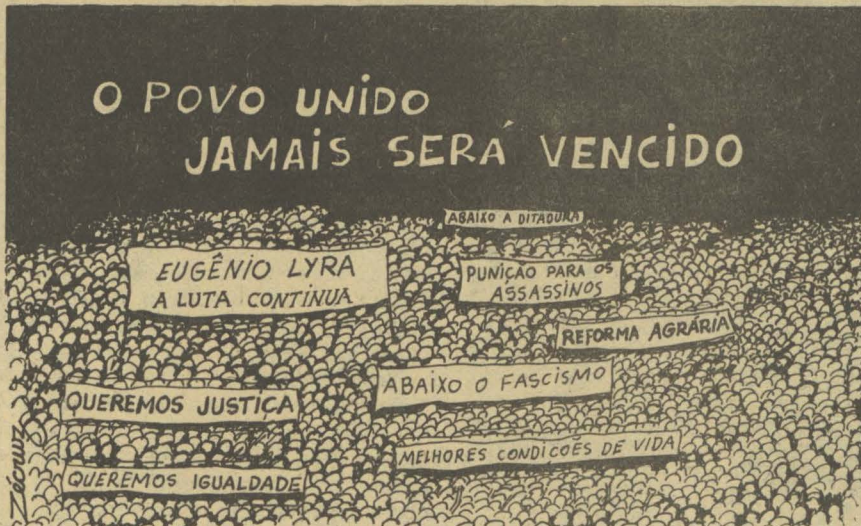
Definirei o que significa terrorismo para mim: terrorismo é o governo deixar a inflação chegar onde chegou; não ter controle das operações e lucros

das multinacionais; essa onda de crimes e assaltos que não acabam mais; a nossa família estar completamente desprotegida em seu próprio país.

Se a nossa polícia tem coragem de matar até trabalhadores que estão reivindicando o que lhes é de direito, porque não age contra essa corja de ladrões e assassinos que matam pessoas até porque não têm dinheiro?

Quando será que nós, o povo, iremos à rua comemorar o dia 7 de setembro e não ficarmos como até hoje nos limitando a assistir um desfile de material bélico? Nós queremos ter o direito de viver harmoniosamente e criar nossos filhos dentro de uma sociedade livre e justa para que possamos dar continuidade e condições de sobrevivência à humanidade e ver o sol brilhar como sempre... até em nossos pensamentos. (J.A.M.-São Paulo, SP)

LA O POVO FALA O POVO FALA O POVO FALA O POVO FALA O POVO FALA O POVO FALA O POVO FALA O POVO



TRABALHADORES AGRÍCOLAS - BA

Punição a assassinos de Eugênio Lyra

No transcurso do 3º ano, a Fetag-Ba (Federação dos Trabalhadores na Agricultura da Bahia) mais uma vez vem lembrar pesadamente a morte do advogado Eugênio Lyra Silva, barbaramente assassinado em Santa Maria da Vitória.

Tombou Eugênio Lyra no dia 22 de setembro de 1977, abatido por um assassino de aluguel, a mando de uma corja de grileiros daquela região, por não conseguirem impedi-lo, por outros meios, de clamar por justiça e liberdade para os posseiros que defendia.

A revolta desta Fetag se torna maior porque passados três anos, o processo judicial se arrasta lentamente e os criminosos continuam impunes. Wanderley Lima Rios, com a prisão decretada, encontra-se foragido desde o dia do crime. Wilson Novaes Gusmão (o pistoleiro), Cantídio Oliveira (Zé Pequeno) e João Costa fugiram da cadeia de Santa Maria da Vitória em 13 de dezembro de 1979 e a última vez que foram vistos estavam homiziados na fazenda "Camacan" de Luis Américo Lisboa, no município de Coribe.

A polícia, tão diligente no cumprir de pedidos do latifúndio, em imiscuir-se em questões de terra contra os trabalhadores rurais, revela-se desaparelhada em prender esses fora-da-lei. Sob a capa da impunidade, os criminosos riem da consciência dos justos, desmo-

ralizam a Justiça e estimulam a grilagem.

Além dos criminosos de Eugênio, foram da mesma impunidade os responsáveis pelas mortes dos posseiros Basílio Caldeira da Silva (de Coribe), Marcionília Rodrigues dos Santos (de Brejolândia), Joaquim Pereira dos Santos (de Feira de Santana), João Elídio dos Santos (de Olindina), Domingos Reis (de Entre Rios), entre tantos outros trabalhadores rurais assassinados aqui na Bahia.

Todos foram vitimados por defenderem seu pedaço de terra, de onde os queriam expulsar. E esse clima de violência contra os trabalhadores não mudou. A grilagem, a fome, a miséria, o analfabetismo, as doenças, o desemprego, os baixos salários continuam. Ao lado da concentração da renda, a terra vem se monopolizando ainda mais, sob a orientação do capitalismo devorador, brutal e desumano.

Nesse quadro de desolação, os trabalhadores sentem, cada vez mais que, sem uma efetiva união e organização na luta por seus direitos e interesses, nada conseguirão. E através do seu Movimento Sindical defendem a Reforma Agrária ampla, massiva, imediata, por entendê-la um dos meios de, em uma sociedade democrática, construir o Brasil justo e humano que todos desejamos. (Diretoria da Fetag-Ba - Salvador, BA)

POESIA DE UM TRABALHADOR-RS

Canção de apoio à Assembléia Constituinte

O povo só foi povo quando o governo escolheu Com a prisão do povo os direitos se escondem. Na frente das baionetas este povo muito sofreu.

Essa luta é comum basta só querer brigar: tu tens título de eleitor vai na urna pra votar defendendo tua pátria pelo voto popular.

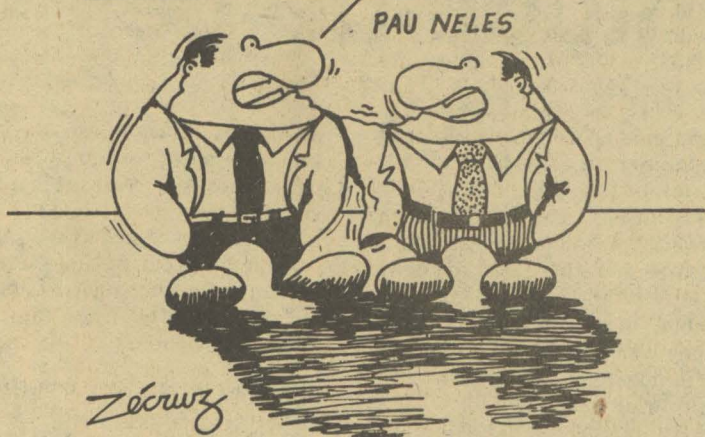
Movimento de Justiça Esse povo tem razão Formam grupos de trabalho Prá sua libertação

Os direitos é humano que almeja uma nação

Juntemos os esforços prá uma transformação que assegure justiça prá vilas sem condição fraternidade e a paz para o povo da nação

Reúne, gente sofrida! Unida numa bandeira prá mostrar ao governo desta terra brasileira, Justiça, Direitos Humanos, Das capitais às fronteiras (C. F. - Viamão, RS)

CHEFE. COM A PRORROGAÇÃO DA ELEIÇÃO DE 80 TEMOS TEMPO SUFICIENTE PARA USAR TODO MEIO DE PRESSÃO PARA O POVO FILIAR-SE AO PDS.



PRESSÃO DO PDS-SP

Funcionários reagem à pressão política

O Partido Democrático Social (PDS) em Americana está se utilizando de todos os recursos para conseguir o número legal para o seu registro. Na falta de interesse demonstrada pela população, que já não confia nas promessas e bravatas do grupo político liderado pelo ex-pretito Abdo Najar, chefe supremo do partido da cidade, o PDS vem pressionando os funcionários das empresas do grupo

Najar. Obrigamos a se matarem do partido e, até, tentar na convenção.

Os representantes da diretoria nas empresas não ameaçam diretamente os funcionários, mas eles sabem que, caso não se filiem, a demissão é apenas uma questão de tempo.

A revolta já está tomando conta de alguns setores das empresas, mas eles ainda estão desmobilizados. (R.S.22 - Americana, SP)

TRABALHADORES AGRÍCOLAS-CE

Apoio aos grevistas

No dia 27 de setembro na Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Ceará reuniram-se várias entidades no sentido de formar grupos de apoio às greves dos cortadores de cana de Pernambuco. O comitê será dirigido pelo presidente da Fetage por representantes de entidades presentes, como FASE, Pastoral Operária, DCE da Universidade Federal do Ceará e Comitê da Imprensa Alternativa.

Medidas concretas foram tomadas como vendas de bônus pelas diversas

entidades, a participação das entidades no encontro de presidentes de sindicatos rurais que se realizou na cidade de Aracati a 100 kms. de Fortaleza, no dia 1º de outubro.

No dia 29 de setembro o presidente da Fetag compareceu ao campus universitário conclamando os estudantes a colaborar com os trabalhadores agrícolas de Pernambuco. Ele afirmou a respeito que greves desta natureza "a gente sabe quando começa mas não sabe quando termina". (Um colaborador da TO em Fortaleza, CE)



APOIO À TRIBUNA-PI

Firme defensor dos interesses populares

Para nós, oprimidos deste abandono quinhão no sul do Piauí, é fácil distinguir quem está conosco e quem está contra nós. Somos vítimas do terrorismo de cada dia, seja através do arrocho salarial, da minguada diária, da vergonhosa concentração da terra na mão de poucos, seja através da repressão policial aberta que, para defender os interesses dos donos e senhores de tudo usa de qualquer violência, sem respeitar nenhuma "abertura".

O jornal **Tribuna Operária**, no seu pouco tempo de existência, tem sido, talvez, o melhor guardião dos nossos interesses, sem vacilar, contribuindo para a conscientização dos oprimidos. Por isso queremos que ele se cale.

O medo de que continuemos a ter

informações, a nós organizarmos, a marcharmos firme pela transformação, faz com que os fascistas do dia-a-dia se voltem contra a imprensa da classe trabalhadora e entidades democráticas.

Os atentados contra a **Tribuna Operária** fazem parte desse terrorismo cotidiano. E porque estamos acostumados a sofrer a ação do mesmo criminoso, não temos dúvida em reconhecê-lo.

Quem são os terroristas? Só não sabe quem não quer enxergá-los, porque os compromissos que se tem com eles não permite que os enxergue.

Nosso apoio decidido à **Tribuna Operária**. (Sindicato dos Trabalhadores Rurais e amigos da TO em São Raimundo Nonato, PI)

MOTORISTAS E COBRADORES-RP

Pelegos na Chapa 2

Somos funcionários da Empresa de Transportes Coletivos da Grande Londrina (TCGL) e gostaríamos de relatar alguns problemas que enfrentamos no dia-a-dia.

O nosso horário atualmente, é de duas pegadas. O patrão fez uma lista dizendo que "todos estamos contentes" com o horário e obrigou-nos a assinar para confirmar esse absurdo, numa folha praticamente em branco e com um texto confuso.

Caso não assinássemos, seríamos tirados fora de escala e talvez até dispensados da firma por justa causa. Neste horário não temos tempo nem de almoçar direito, nem de ir ao banco nem de comprar alimentos, porque ele toma todo nosso tempo.

Enfrentamos também a falta de educação dos fiscais, que nos tratam como cachorros. A gente não pode descer nem dois minutos para ir ao banheiro e tomar água, porque senão lá vêm os fiscais enxotando a gente, como se fôssemos animais.

Em algumas linhas, como a Bandeirantes-Ideal, a Skol-Santa Rita, etc. não há ponto final, onde cobradores e motoristas possam descer cinco minu-

tos para ir ao banheiro, varrer o carro, tomar água.

O dia do pagamento é no dia 10 de cada mês. Se cai num sábado, domingo ou feriado é feito depois, ou seja, atrasado. O pagamento é feito no Bamerindus, que deixa uma fila muito grande, porque os quase 700 funcionários recebem no mesmo dia e na mesma hora. O salário do cobrador é de 6 mil e 400 cruzeiros e o patrão diz que está bom. No nosso pagamento vem um desconto com o código 912, que ninguém sabe o que é. Descontam da gente 41,50 cruzeiros por mês para pagar as passagens de ônibus que usamos.

Dos motoristas, que ganha 12 mil e 900 cruzeiros, descontam as molas quebradas do pagamento.

E para agravar tudo isso os patrões compraram uma chapa para concorrer às eleições. Nosso sindicato conseguiu o atual salário e outras coisas e estava sendo uma pedra no sapato dos patrões. Por isso surgiu a chapa 2, para tirar o sindicato da mão do trabalhador. Vamos lutar para permanecer no sindicato e pedimos que todos os profissionais digam não à chapa 2. (Um motorista e um cobrador de Londrina, PR)

CONGRESSO DE ASSOCIAÇÕES DE BAIRRO-RS

Problemas de todos

Em Porto Alegre realizou-se nos dias 12, 13 e 14 o 5º Congresso das Associações de Bairro do Rio Grande do Sul. Participaram 13 municípios e 70 associações.

Verificou-se que os problemas são praticamente os mesmos. E comum a falta de moradia, esgoto, água, luz, creche, transporte coletivo, colégios, hospitais e atendimento médico. Outro problema muito levantado é a falta do custo de vida. É geral o problema da posse da terra.

Finalmente os companheiros manifestaram seu descontentamento com

este governo comprometido com as multinacionais, com os monopólios e os latifundiários. Não acreditam que ele interceda em favor do povo. Destacaram a necessidade de lutar com ampla participação popular em todas as frentes, visando a derrubada da ditadura. Pronunciaram-se ainda pela luta visando a conquista de um governo comprometido com o povo, que promova uma reforma agrária completa, nacionalização das multinacionais, liberdade e autonomia sindical, ensino público gratuito. (Um amigo da TO em Caxias do Sul, RS)

ESTÁ CHEGANDO A HORA...

FALA AURÉLIO PERES:

Contem comigo

Trechos do manifesto lançado dia 13 pelo deputado federal metalúrgico Aurélio Peres, dirigido à sua classe:

“Nós, metalúrgicos de S. Paulo, partimos para uma nova batalha da luta de classes: campanha salarial de 1980. Também estão nesta luta os gráficos, os têxteis, os químicos, os padeiros e marceneiros dentre outros.

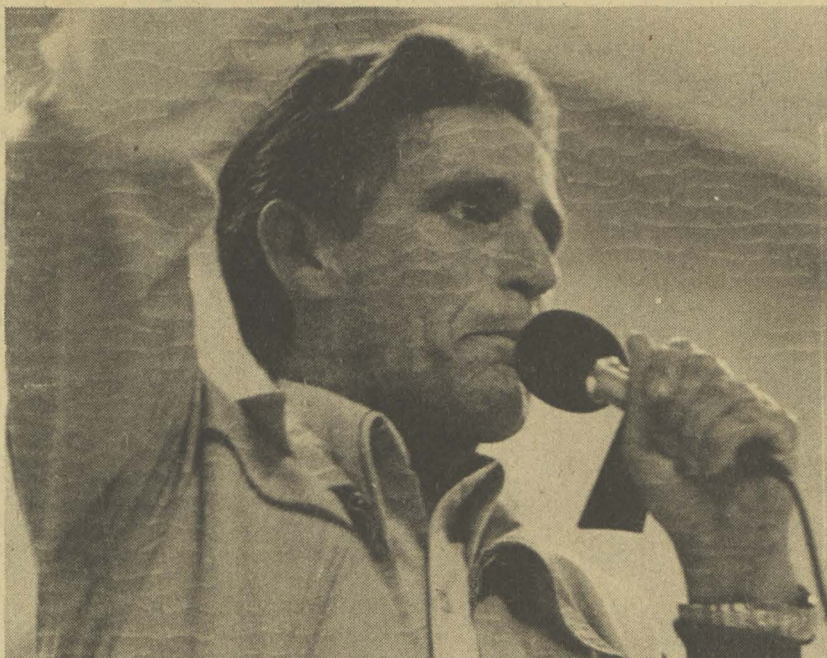
“As condições de trabalho e de vida pioram a cada dia, acompanhando a crise econômica que não foi inventada por nós. Quem é responsável por ela? Em primeiro lugar é o governo do general Figueiredo, o super-patrão que serve aos interesses dos patrões, principalmente dos estrangeiros e dos grandes empresários nacionais.

“Nós operários somos a classe que produz a maior parte das riquezas da Nação e vivemos miseravelmente. Precisamos romper as correntes desta dominação. E para isso é necessário lutar em todas as frentes possíveis.

Mais uma vez devo cumprir a tarefa de defender por todos os meios possíveis os interesses da classe operária colocando o meu mandato a serviço dos metalúrgicos da Grande São Paulo.

“Devemos nos inspirar nos exemplos dos grevistas do ABC, dos canavieiros de Pernambuco que obtiveram uma grande vitória, nos portuários de Santos e em nossa própria experiência.

“Para atingir nossos objetivos precisamos nos organizar, mobilizar a categoria em todos os locais de trabalho. Precisamos formar comitês de apoio a todos os trabalhadores em campanha salarial.



Aurélius, o deputado federal que saiu da ferramentaria da Caloi.

Divulgar as reivindicações tiradas pela nossa assembléia e distribuir os boletins do Sindicato. Lá lutaremos pela unidade da categoria, mas ao mesmo tempo tudo faremos para garantir a participação e o direito à palavra para todos.

“Os patrões sabem e nós estamos carentes de saber que a nossa principal arma no momento é a greve. Devemos deixar claro que se o patronato e o governo mantiverem sua intransigência de todos os anos a classe operária irá à greve novamente por seus direitos. Os metalúrgicos de São Bernardo já decidiram em assembléia recente apoiar inclusive com a própria greve os metalúrgicos de S. Paulo em caso de parada de máquinas.

“Nossa luta é contra a fome e pela liberdade. Lutamos pelo direito de decidir sobre o nosso próprio

destino. Assim lutamos hoje com a consciência de que assumimos a vanguarda da luta de todas as forças sociais interessadas no fim deste regime e na convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte, livre e soberana, que aprovará as leis que regerão o país. Lutando por estes objetivos honramos a memória de tantos companheiros que, como Santo Dias da Silva, deram sua vida pela causa operária e popular.

Abaixo o arrocho salarial! Por 20% acima do INPC! Fim ao desemprego e à perseguição dentro das fábricas! Por um sindicalismo livre, autônomo e democrático! Abaixo a repressão aos operários em luta salarial! Fora este governo da fome e de entreguismo! Por uma Constituinte livre e soberana!

Os metalúrgicos de S. Paulo estão vivendo uma campanha salarial muito importante e sem dúvida nenhuma a animação é grande.

No dia 8 de outubro foi realizada uma reunião no Sindicato que contou com mais de 800 pessoas. Em clima de radicalização crescente, alguns oradores bastante aplaudidos colocaram a greve como um instrumento importante para os trabalhadores.

Uma das decisões principais da reunião foi marcar a próxima assembléia da categoria, que será dia 17 às sete horas da noite no cine Roxy. As negociações com os patrões vão durar até o dia 17 e mesmo que fiquem só na embromação o sindicato já marcou a assembléia.

A PROPAGANDA E A MOBILIZAÇÃO

Apoiando-se no jornal do Sindicato, a diretoria criou este ano um sistema bastante interessante de agitação e mobilização. Centenas de metalúrgicos participam de grupos de fábricas e muitos vão às portas das empresas junto com diretores do sindicato. Na Caterpillar, a diretoria e os ativistas chamados “Décio Malho”, conseguiram parar os ônibus e fizeram um comício na porta da fábrica. Na Mapri da Mofareg, mais de 30 “Décios Malhos” com cinco perucas e aparelhagem de som fizeram agitação em torno das reivindicações.

Importante também a iniciativa de publicar boletins em grande quantidade para dar as orientações mais imediatas da campanha.

COISAS QUE PREOCUPAM

Por outro lado, a diretoria do sindicato tem tomado algumas atitudes que não contribuem para a unidade e para a elevação da consciência dos operários. Por exemplo, o primeiro boletim, que deveria ser um poderoso instrumento de mobilização, foi desperdiçado para criticar a oposição nas propostas de 40 horas semanais e de reuniões regionais.

Isso só contribui para atrair para a campanha. Afinal os boletins devem ser para divulgar a pauta de reivindicações aprovadas na primeira assembléia. Quem confundir campanha salarial com campanha eleitoral estará prejudicando a categoria.



A reunião de ativistas no dia 8 lotou o auditório do Sindicato.

São Paulo pode explodir

Um milhão e duzentos mil trabalhadores de S. Paulo estão em campanha salarial neste fim de ano. Os metalúrgicos, têxteis, padeiros, marceneiros, gráficos, o pessoal de laticínios, os jornalistas, os químicos e outras categorias têm sua data base em novembro e dezembro.

As assembléias estão tendo cada vez maior participação. Jornais e boletins estão sendo distribuídos nas portas das principais fábricas e empresas. Prepara-se os fundos de greve e os comitês de solidariedade. Mas o mais importante é a unidade que começa a nascer. Os trabalhadores, a partir das greves e combates travados nos últimos anos, estão aprendendo rapidamente.

Hoje, aparecem reivindicações que trazem grande unidade ao conjunto da luta: em primeiro lugar, o aumento salarial de 20% ou mais acima do INPC, que todas as categorias estão exigindo; em segundo lugar, a estabilidade no emprego; em terceiro lugar, o reajuste trimestral dos salários e em quarto lugar, o direito de organização sindical nas empresas através dos delegados e das comissões.

Nos dias de hoje a classe operária se apresenta com maior experiência e

exige maior seriedade das lideranças. A situação econômica piorou muito e a carestia, batendo todos os recordes, veio se juntar ao desemprego em massa.

Os patrões também estão com mais experiência e se preparam para os choques que vão surgir, chegando ao ponto de organizar um fundo de greve através da Anapemei, Associação das pequenas e médias empresas.

Os patrões e o governo dão todo apoio aos conciliadores que se esforçam em amaciar os atritos. Mas no fundo tudo isso é inútil. Grandes manobras são tentadas para evitar o confronto da luta de classes mas o capitalismo está em crise no Brasil e em todo o mundo.

Na grande S. Paulo, a classe operária se prepara para um confronto mais sério. Não se trata de uma luta puramente econômica, não se trata de apenas mais uma campanha salarial. Se os patrões forem inflexíveis, se o governo continuar descarregando a crise nas costas dos trabalhadores, um choque de sérias proporções será inevitável.

A situação nas fábricas é de revolta. A Grande S. Paulo é um verdadeiro barril de pólvora. Qualquer surto grevista pode ser um fôlego.



Doza fala à plenária do Congresso, na Câmara Federal: pela terra e pela pátria os camponeses vão à luta.

CONGRESSO EM DEFESA DA AMAZÔNIA

Amazônia é nossa

Terminou com vitória dia 12 de outubro na Câmara Federal de Brasília, o I Congresso Nacional em Defesa da Amazônia. Presentes delegações de 18 Estados e 27 cidades, num total de 547 inscritos. Foram quatro dias de debates, grupos de trabalho, atividades culturais e plenárias.

A abertura do Congresso contou com a presença de inúmeros parlamentares, das lideranças do PDT, PT e PMDB, do advogado dos posseiros paraenses Paulo Fontelles, da UNE, da Associação dos Geógrafos do Brasil, Ordem dos Advogados do Brasil, Federação dos Trabalhadores Rurais da Bahia, padre Egidio Schade, caciue Mário Juruna e outros. A presidência de honra ficou com dona Honeide Lima, viúva do “Gringo”, líder sindical assassinado em Conceição do Araguaia.

CONCEIÇÃO DESTACOU-SE

Nos grupos de trabalho, destacou-se a delegação de Conceição do Araguaia. Doza, membro da chapa sindical do “Gringo”, disse: “A luta não pára e nela morre muita gente do lado de cá mas de lá também”. Ressaltou a importância da vinculação entre o campo e a cidade e do estudo. “O velho aqui — disse — é quem mais gasta querosene de lamparina para estudar e depois matraquear

para o povo da região”. Foi dele a proposta, aprovada, de fazer da “Lei do Anilzinho” a lei que defende a Amazônia. Esta lei, tirada no Pará por 150 lavradores, diz entre outras coisas que é preciso que o camponês resista na terra e a defenda com armas, se for preciso.

Sobre a questão política, Doza afirmou a necessidade de uma Constituinte livre e soberana, convocada por um governo democrático e de unidade popular, proposta encaminhada ao plenário por Paulo Fontelles. Outras

resoluções aprovadas apontam no sentido da defesa da causa indígena, da soberania nacional, da ecologia, da defesa dos minérios.

O Congresso, que se propunha ser um amplo fórum de debates, foi a vitória de todos os brasileiros. A sensação final dos trabalhadores era de missão cumprida. Congressos assim, em nível nacional, regional, setorial, são passos no caminho para a unidade popular. (C.H./Comitê de Defesa da Amazônia/RJ)



Da esquerda para a direita: Paulo Fontelles, dona Honeide Lima e Doza.

A crise de mal a pior

Nos últimos dias, a crise econômica afundou-se consideravelmente, no rumo da depressão. A gasolina subiu para 45 cruzeiros o litro e ninguém sabe onde vai parar. Delfim Neto saiu em romaria pelo mundo, de chapéu na mão, pedindo aos banqueiros internacionais dinheiro emprestado para pagar as dívidas antigas. Voltou de sorriso amarelo e chapéu vazio. Este mês, ele partirá de novo, para Nova York, Tóquio e Washington, com a mesma missão inglória. Em Washington, o FMI (Fundo Monetário Internacional) e o BIRD (Banco Mundial), deram seu recado a países como o Brasil: estes “continuarão dependendo de correntes de capital externo durante toda a década, embora haja dúvidas de que o volume procedente dessas fontes será suficiente para fazer frente às novas dificuldades”.

CADA CLASSE UMA VISÃO

Os capitalistas andam preocupados com a crise. Antônio Ermínio de Moraes, do Grupo Votorantim, explorador de 40 mil trabalhadores, diz que “a situação é tétrica”. E arremata: “Se o fornecimento de petróleo for cortado, isso significa a falência de todos nós”.

Enquanto isso, os operários têm outras preocupações. Entre os 424 mil metalúrgicos de S. Paulo, 259 mil (52,17% do total) ganham menos que três salários mínimos. Como viver até o feijão a 90 cruzeiros some do prato do trabalhador? Outra praga que se alastra é o desemprego. Hoje, um metalúrgico demitido no Rio de Janeiro, fica em média quatro meses parado.

Mas a crise atual, além dos sofrimentos que traz para a família trabalhadora, coloca em cheque o sistema capitalista em geral e o modelo capitalista dependente montado no Brasil em particular.

PROPORÇÕES MUNDIAIS

A degringolada da economia atinge hoje, todo o mundo do capital, desde as metrópoles — Estados Unidos, Europa, Japão, até a periferia dependente, passando inclusive por países ditos socialistas, do tipo da União Soviética e da Polónia.

Nenhum país capitalista se salva da epidemia. E como esses países estão ligados entre si por mil fios financeiros, comerciais e político-militares, os problemas de um imediatamente afetam os outros. O emperramento da economia dos países desenvolvidos logo prejudica as exportações brasileiras. A guerra no distante Golfo Pérsico provoca em questão de dias um aumento da gasolina no Brasil.

Além disso, é uma crise de longo



fôlego. Começou em 1973 e nada indica que seu fim esteja próximo.

BRASIL EM MAUS LENÇÓIS

Para o Brasil, a situação é ainda pior do que a média, basicamente devido ao modelo econômico seguido pelo regime militar. Ele é hoje um país altamente dependente, que tem a maior dívida externa do mundo e tem que fazer o que mandam os bancos estrangeiros. É um país que produz pouco petróleo, mas funciona na base do automóvel e do caminhão, o que o coloca no centro da crise energética. Além disso, montou uma economia voltada para a exportação, que anda cada vez mais difícil. Até o desenvolvimento tão falado no tempo do “milagre”, tornou o país mais vulnerável à crise, pois agora é muito maior o número de trabalhadores da indústria e da agricultura capitalista, ameaçados pelo desemprego e a fome.

A SAÍDA CAPITALISTA

Diante dessa situação “tétrica”, os grandes burgueses brasileiros apresentam sua saída. Ainda este mês, ao tomar posse, Luis Vidigal, o novo presidente da Federação das Indústrias de S. Paulo (FIESP) dizia: “Se o Brasil optou (?) por um regime capitalista, há necessidade a classe empresarial exercer seu papel. O capital tem a representatividade necessária para interpretar os interesses coletivos do país”.

A saída da burguesia monopolista poderia ser resumida assim: defesa do lucro como princípio mais sagrado da economia; associação crescente com o capital estrangeiro; apresentação da crise como um mal passageiro e inevitável; apoio ao regime militar e à política do governo atual. E o grande medo de Vidigal é termos “muito provavelmente amanhã, em nosso país, uma luta de classes de consequências imprevisíveis”.

A SAÍDA DO OPERÁRIO

A classe operária também tira as suas conclusões da crise e apresenta a sua saída. O degradingamento da economia mostra aos operários que o mundo que eles criaram com o seu trabalho é grande demais para continuar a ser propriedade privada de um punhado de burgueses. A produção industrial moderna já não cabe dentro das regras do jogo capitalista. É este conflito que nas épocas de crise aparece em toda a sua extensão.

O programa da classe operária para superar este estado de coisas é libertar a vida econômica desta contradição, transformando os meios de produção em propriedade social do trabalhador. No socialismo, como a história provou, não há crises, nem desemprego, nem inflação, nem dependência nacional. A economia desenvolve-se depressa, harmoniosamente, sem parar. E o mais importante: tem como único objetivo elevar sempre mais o nível de bem-estar de todos os trabalhadores.

Por isso os operários conscientes inscrevem nas suas bandeiras a luta por um regime de democracia popular que abra caminho para a construção da sociedade socialista.

(Bernardo Joffily)

